

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TALES DE ANDRADE : REPRESENTAÇÕES DE BRASIL**

**ANDRÉ DELA VALE**

**PIRACICABA, SP**

**2006**

# **TALES DE ANDRADE : REPRESENTAÇÕES DE BRASIL**

**ANDRÉ DELA VALE**  
**Orientador: Prof. Dr. Ademir Gebara**

**Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora do Programa de Pós-  
Graduação em Educação da  
Universidade Metodista de  
Piracicaba como exigência parcial  
para a obtenção do título de Mestre  
em Educação.**

**PIRACICABA, SP**

**2006**



## **BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Ademir Gebara (orientador) -  
UNIMEP

Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca –  
UNICAMP

Prof. Dr. Luiz Francisco de A. Miranda  
– UNIMEP

Profa. Dra. Virgínia Célia Camilotti –  
UNIMEP

## Resumo

Este texto pretende apresentar como o autor Tales de Andrade construía sua representação de Brasil. Apresentamos como principais pontos dessa sua representação a relação “Campo-Cidade” e o “Homem”, resultando na constituição de um projeto de Brasil. Como entendemos que “Saudade” é o livro mais representativo e importante do conjunto da obra de Tales de Andrade, nós o utilizaremos como ponto de partida para nosso estudo, na tentativa de entender como Tales de Andrade constrói sua representação de Brasil. Esta escolha se dá pelo fato de “Saudade” apresentar as principais discussões existentes na produção literária de Tales de Andrade, a saber, a relação campo e cidade, a importância da educação e elementos de um projeto nacional. Não se trata aqui de uma biografia do autor, mas sim uma análise de sua produção, dos conceitos, diálogos e discussões que aparecem em seus livros que, segundo nossa leitura, acabam construindo uma representação de Brasil.

**Palavras Chave:** História da literatura infantil, história da educação, homem do campo, Campo

## Abstract

This text intends to present as author Tales de Andrade constructing its representation of Brazil. We present as main points of this representation the relation between "Field-City" and the "Man", resulting in the constitution of a project of Brazil.

Para meu irmão Emerson Dela Vale,  
como um pequeno gesto de gratidão e amizade.

# SUMÁRIO

<a href="#">Introdução</a> .....	10
<a href="#">1 – As Concepções de Campo e Cidade em “Saudade”</a> .....	21
<a href="#">2 – O Homem do Campo</a> .....	43
<a href="#">3 – De “Saudade” a “Campo e Cidade”</a> .....	66
<a href="#">Considerações Finais</a> .....	84
<a href="#">Bibliografia</a> .....	87
<a href="#">Ilustrações</a> .....	92

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

Ao Prof. Dr. Ademir Gebara, pela forma carinhosa com que me recebeu, pela confiança em meu trabalho e pelos inesquecíveis momentos de orientação. É muito importante saber a quem chamamos de mestre!

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roseli Cação Fontana, que ainda nos tempos da graduação em História, incentivou-me a fazer o mestrado. Sou-lhe inteiramente grato por ter-me apresentado ao Prof. Gebara.

Ao Prof. Dr. Edgar S. De Decca, pela gentileza e disponibilidade em participar do processo de Qualificação e Defesa desse trabalho. Seus conselhos e indicações foram muito importantes.

Ao Prof. Dr. Luis Francisco de A. Miranda e à Profa. Dra. Virgínia C. Camilotti, que desde os tempos da graduação estão presentes na minha caminhada acadêmica, sendo sempre muito gentis e atenciosos para com os meus pedidos e dúvidas. Agradeço também a importantíssima participação dos senhores nesse processo de Defesa de Mestrado.

Aos meus colegas de núcleo: José Luiz Simões, Tony Honorato, Luis Candido, Sérgio Barbosa, Marcelo R. Pires, Marcelo Pastre, Marcelo F. Godoy, Eloiza Matos e Rita de Cássia, pelas conversas, trocas de experiências, debates e, principalmente, pela forma carinhosa, e às vezes até maternal, que sempre me trataram.

Agradeço de forma especial à Naê P. R. Desuó, Bento Rúpia Jr. e Albert Stuart. R. P. Silva, pela amizade que conseguimos construir e pela amável convivência. Muitas das idéias desse trabalho surgiram de conversas com a Naê, Bento e Albert.

Aos meus queridos amigos: Rodrigo (Fogo), Viviane, Veridiana (Preta), Cristiane, Vera, Douglas, Ana Júlia, Rodrigo Arthur Érico e Thaís Furquim, pelo carinho e amizade. Agradeço de forma especial a Adriano de Jesus Didoné, Evandro



Ismael, Felipe Torin e Fábio da Silva Paiva, pela convivência fraterna, pelas risadas, pelos sonhos compartilhados e pelo resto de nossas vidas.

Aos meus pais, Adilson e Maria Dela Vale, razão maior de tudo, pelos conselhos, pelo exemplo de vida e amor, pela educação na fé. Agradeço pela minha vida!

Ao meu irmão Êmerson Dela Vale, a quem dedico esse trabalho, por ser um grande companheiro e amigo, por ter sido o primeiro a me apoiar a fazer o curso de história e o mestrado, por me transmitir o gosto pela leitura, por ler e corrigir tudo o que escrevo. Nada teria valor, se você não estivesse por perto.

## Introdução

*“Uma história...verdadeira*

*Era uma vez um menino chamado Mário.*

*Mário foi crescendo, foi crescendo e... ficou moço.*

*Um dia, cheio de saudades da sua meninice, quis escrever a história dele. Poderia, assim, contar muita coisa do tempo em que, montado num cabo de vassoura, andava pulando pela casa, e poderia dizer das vezes que saía pela enxurrada, nos dias de chuva, a fazer e a soltar barquinhos de papel.*

*Poderia falar daquele tempo em que sua irmã e as meninas conhecidas picavam os retalhos de fazenda encontrados pela casa, e faziam deles feios e desengonçados saiotos para os queridos bebês.*

*Diria também das vezes em que se fingiam donas de casa, e iam morar nos ranchos feitos no fundo do quintal, onde aprontavam comidinhas em latas de manteiga, e punham ao sol enormes tabuleiros de cocadas... de terra.*

*Desde que já não podia voltar àqueles tempos, queria, ao menos, guardar deles recordações escritas em que falasse das horas e horas que passara construindo casa para formigas, ou empinando o seu bonito papagaio de papel de seda, ou perseguindo cigarras, colibris, sapos e borboletas.*

*Mário começou, pois, a descrever a própria vida.*

*Trabalhou muito, trabalhou sem descanso.*

*Ao fim de um certo tempo a história estava escrita.*

*Era uma história grande, mesmo tão grande que dava um livro.*

*Mário mandou fazê-lo. Quando o livro ficou pronto, deu-lhe o nome de –Saudade. Sei que já adivinham o resto da história.*

*Saudade é este livro.”<sup>1</sup>*

É assim que o escritor Tales de Andrade começa o seu livro, intitulado “Saudade” em que conta a história do menino Mário e de sua família no campo. Esse

---

<sup>1</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974, p. 9.

tema percorrerá o conjunto de sua obra, desde a publicação de “Saudade” em 1919 até a publicação de “Campo e Cidade” em 1964.

Tales de Andrade nasceu em Piracicaba em 1890, neto de professores e sitiantes, torna-se professor e dedica sua vida à literatura, escrevendo romances, contos infantis e cartilhas, todos com a intenção de serem utilizados nas escolas. Perfazendo sua criação literária, aproximadamente, trinta livros entre contos e romances.

O trabalho como professor e a vida no campo, serão elementos presentes na sua vida e, por conseguinte o principal assunto de suas obras.

Desde a sua formação na Escola Normal em Piracicaba no início do século XX, Tales de Andrade se viu atrelado à educação, pois além de lecionar, entre outras disciplinas: História Geral, História do Brasil, Direito Usual, Prática de Ensino etc, esteve envolvido com programas de alfabetização das áreas rurais nas cidades da região de Piracicaba. Dado a esse envolvimento com a alfabetização, Tales de Andrade começou sua produção desenvolvendo cartilhas para programas de alfabetização, migrando, posteriormente, para a escritura de contos e romances infantis.

Do conjunto da obra de Tales de Andrade, nenhum livro ficou mais conhecido que “Saudade”<sup>2</sup>, escrito em 1917 e publicado em 1919, conta ,até os dias atuais, com mais de noventa edições. A primeira edição foi publicada pelo Governo do Estado de São Paulo, o que lhe confere um caráter oficial , numa tiragem de 15 mil livros. Algum tempo depois o Jornal de Piracicaba organiza mais uma edição de mais 20 mil livros.<sup>3</sup>

A publicação do livro “Saudade” coincide com o surgimento da literatura infantil no Brasil e segundo Arroyo<sup>4</sup>, podemos entender “Saudade” como representante desse movimento literário, ficando disponível para ser lido pela infância, sobretudo as

---

<sup>2</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974.

<sup>3</sup> **ARROYO**. Leonardo. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1968, p.24.

<sup>4</sup> Idem Ibidem.

crianças matriculadas nas escolas, já que muitas das edições do referido livro visavam a esse tipo de público.

A literatura infantil, no momento em que Tales de Andrade escreve “Saudade”, buscava se estruturar como literatura independente, com funções claras e vinculadas ao projeto político daquele período com vistas a introduzir em seus leitores (principalmente as crianças matriculadas nas escolas) um sentimento de amor à Pátria.<sup>5</sup>

Na introdução dessa obra literária, verificamos essa afirmação, pois o Secretário de Agricultura Sampaio Dória, assim descreve o livro “Saudade”:

*“Nas mãos dos escolares, Saudade será um encanto sugestivo. Trá-los-á interessados e terá o condão de lhes insuflar, na alma, germes de amor à terra e à Pátria.*

*Bem haja o seu autor pela caridade de ter escrito um livro útil às crianças”<sup>6</sup>.*

Nesse contexto, o livro “Saudade” recebeu uma grande quantidade de prêmios e homenagens, entre as quais destacamos uma Moção de Louvor e Congratulação do Senado Federal em 1959, pelo sucesso da obra e pelo 40º aniversário de sua publicação, ocasião em que Tales de Andrade foi considerado “*um santuário dominado pelo espírito da Pátria*”.<sup>7</sup>

Tales de Andrade abordou preferencialmente três assuntos em seus textos: as cartilhas de alfabetização para serem utilizadas nas escolas rurais da região de Piracicaba, tais como “Vida na Roça”, “O Melhor Presente” e “Ler Brincando”, em que indica a importância da alfabetização e do ensino da leitura; contos que tratam da história do Brasil, como “Praga e feitiço” sobre a inconfidência mineira, “Capitão Feliz” sobre Cabral e o descobrimento do Brasil, “O Grito Milagroso” sobre a

<sup>5</sup> LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Hitórias*. São Paulo, Ática, 1991.

<sup>6</sup> ANDRADE, Tales. *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974, p. 7.

Proclamação da República, e principalmente livros que trabalham a questão do campo, em que incluímos “Saúde” e “Campo e Cidade”.

Entendemos, igualmente, que Tales de Andrade se insere em um gênero literário conhecido no Brasil como “Romance de Formação”<sup>8</sup>, este, muito utilizado pelos escritores de literatura infantil no início do século XX em nosso país. Ele se sustenta em dois aspectos fundamentais: de um lado proporciona ao leitor o entretenimento convencional de um romance, entretenimento da leitura propriamente dita e de outro “a formação baseada não apenas no desenvolvimento gradativo das predisposições do indivíduo, mas também na sua socialização, isto é, no aprendizado sistemático dos papéis sociais que lhe foram prescritos pelo sistema social”.<sup>9</sup>

O romance de formação, portanto, tem função de formar leitores do ponto de vista vigente na sociedade da qual fazem parte e o papel social que lhes são atribuídos. O romance de formação busca a integração social do seu leitor.

Nesse sentido, Tales de Andrade está inserido em uma corrente literária que teve como um dos seus pontos iniciais a publicação do livro “Através do Brasil” por Olavo Bilac e Manoel Bonfim<sup>10</sup>. Tanto Tales de Andrade como Bilac e Bonfim buscam apresentar para os seus leitores um conjunto de elementos constituintes da cultura e sociedade brasileiras, no intento da criação de uma identidade nacional.

Não obstante, Tales de Andrade, diferentemente de Bilac e Bonfim, não busca informar a diversidade da cultura brasileira e mesmo a geografia do território, mas sim informar o leitor sobre o modo de vida no campo, baseando-se na experiência paulista do sítio e dos bairros rurais.

---

<sup>7</sup> **ANDRADE**, Tales. *Campo e Cidade*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1964, p. 173.

<sup>8</sup> Sobre Romance de Formação ver: **MAAS**. V. P. *O Cânone Mínimo*. São Paulo: Unesp, 2000 e **MAZZARI**. M. V. *Romance de Formação em Perspectiva Histórica*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

<sup>9</sup> **BOTELHO**, André. *Aprendizado do Brasil*. Campinas: Unicamp, 2002. p 26-27.

<sup>10</sup> Ver: **BOTELHO**, André. *Aprendizado do Brasil*. Campinas: Unicamp, 2002.

Assim, “Saudade” é o livro-chave da obra de Tales de Andrade e juntamente com os outros livros publicados, de alguma forma, porão em voga o seu tema central: a vida do homem do campo. É dessa vida que o personagem Mário terá saudade, e que o fará escrever um livro contando sua história., posto, como vimos no fragmento de abertura dessa introdução.

Como compreendemos que “Saudade” é o livro mais representativo e importante do conjunto da obra de Tales de Andrade, nós o utilizaremos como ponto de partida para nosso estudo, na tentativa, de entendermos como Tales de Andrade constrói sua representação de Brasil. Essa escolha se dá pelo fato de “Saudade” apresentar as principais discussões existentes na produção literária de Tales de Andrade, a saber, a relação campo e cidade, a importância da educação e elementos de um projeto nacional. Não se trata aqui de uma biografia do autor, mas sim uma análise de sua produção, dos conceitos, diálogos e discussões que aparecem em seus livros que, segundo nossa leitura, acabam construindo uma representação de Brasil.

Num primeiro momento, expomos como Tales de Andrade constrói sua representação de Brasil em “Saudade”, à medida em que escolhe o campo e o homem do campo, como seus portadores sociais, para a constituição de uma nação. Tales de Andrade em “Saudade” repudia a vida agitada, os perigos e a possibilidade de desventura na cidade, em contrapartida enaltece uma vida tranqüila, feliz e de auxílio à Pátria no campo. É essa imagem de campo, com fartura e segurança, que Tales de Andrade vai querer que as crianças das escolas se identifiquem.

Identificamos, no entanto, que no decorrer de sua produção literária, essa representação de Brasil vai se transformando. Para demonstrarmos essa mudança, optamos pela análise de um dos seus últimos livros publicados, qual seja, “Campo e

Cidade”. A dileção por “Campo e Cidade” se fez porque este se constitui como prosseguimento do livro “Saudade”.

Em “Campo e Cidade, notamos uma sensível diferença em relação à representação do binômio homem do campo e da cidade. Não é mais na defesa do campo e do homem do campo que Tales de Andrade busca influenciar ,pela leitura, às crianças, mas sim pela possibilidade de existir uma harmonia entre o campo e a cidade, e o exemplo de harmonia é a cidade de Piracicaba.

“Saudade” e “Campo e Cidade” se apresentam como livros de memórias do personagem principal, Mário, que as recupera quando já está adulto e ao sentir saudade da sua meninice, decide escrever a sua história. Isso, do mesmo modo, evidenciado no fragmento com que abrimos essa introdução.

Do ponto de vista da recepção da obra de Tales de Andrade, sobretudo de “Saudade”, podemos afirmar que houve uma grande aceitação, pois seus livros foram várias vezes publicados e adotados como livro de leitura nas escolas públicas do Estado de São Paulo. Contudo, a maneira como foi lido pelas crianças, leitores ideais da obra de Tales de Andrade, não será discutida, já que dependeríamos de entrevistas, e isso acabaria por mudar o foco da nossa pesquisa.

Para expormos como pensamos a representação de Brasil em Tales de Andrade, vamos nos valer das considerações do historiador Roger Chartier em seu livro “A História Cultural”<sup>11</sup>. Segundo as considerações de Chartier:

*“A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”<sup>12</sup>*

---

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

<sup>12</sup> Idem Ibidem, 16-17.

A história cultural busca entender a realidade social respeitando as variáveis históricas que envolvem sua construção. E ao historiador cabe a tarefa de decifrar a forma como foi construída essa realidade. Sendo assim, o nosso estudo da obra de Tales de Andrade infere como o autor, em seu tempo, procurou representar a realidade social que vivenciava, ou que queria exaltar e a transcreveu em sua obra. O mundo rural e o homem do campo são as categorias construídas e vivenciadas pelo autor em seu tempo.

Um outro aspecto que se atribui ao conceito de representação está relacionado com os interesses de grupos, nós a chamamos de estratégia e nas palavras de Chartier:

*“As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”*<sup>13</sup>

A representação, na perspectiva de Chartier, é a construção de uma realidade através de interesses grupais, feita segundo os interesses de seus atores em seu momento histórico, e por consequência, ela não é neutra. Tales de Andrade constitui sua representação tendo em vista interesses grupais de seu tempo. Ele é um homem do interior do Estado de São Paulo, vivencia a relação e a tensão entre o campo e a cidade e se encontra em um momento histórico favorável a esse tipo de construção do real (sobretudo com relação ao livro “Saudade”) – pois o Governo Republicano possui sua grande sustentação econômica na agricultura de São Paulo (Café e Cana de Açúcar). Tales de Andrade valoriza o campo, valorizando, assim, uma forma de governo. Por

---

<sup>13</sup> Idem Ibidem, 17.



isso, chamamos de estratégia de convencimento, essa construção de real que valoriza o campo e o homem do campo.

Destarte, podemos entrar na questão da identidade. Para Chartier ,a história cultural: :

*“faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ‘ser apreendido’ constitutivo de sua identidade”<sup>14</sup>.*

Tales de Andrade , parte desse mundo rural paulista , identifica-se com ele. Essa identidade é visível em “Saudade” e “Campo e Cidade”.Em “Saudade”, editado nos fins dos anos dez, Tales de Andrade confere identidade à vida do campo , ao mostrar o homem do interior, simples e honrado. Por sua vez, em “Campo e Cidade”, editado nos anos sessenta, a identidade consiste na interação entre o rural e o urbano que Piracicaba, sua cidade natal ,promovera.

Chartier indica que o processo de criação da representação ao se utilizar de estratégias e práticas de convencimento, tende

*“a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezado, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”<sup>15</sup>.*

A concepção de representação estabelece um jogo de poder para afirmação de uma identidade social. Enuncia-se, portanto, uma disputa por poder, uma imposição de visão de mundo, valores morais e da forma de se organizar a sociedade etc.

---

<sup>14</sup> Idem Ibidem, 23.

<sup>15</sup> Idem Ibidem, 17.

A representação pode ser interpretada como uma “imagem presente” de um “objeto ausente”, ou seja, os grupos sociais que a criam, descrevem a sociedade como a entendem ou como gostariam que fosse, ou ainda, nas palavras do próprio Chartier:

*“Todas elas [as representações] têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe.”<sup>16</sup>*

No caso da obra do autor Tales de Andrade, o campo e o ambiente rural descritos não são um relato, uma descrição do real, mas sim um desenho, um modelo de como o campo deveria ser. Esse “objeto ausente”, a vida no campo ou o campo descrito por Tales de Andrade deve ser transmitido aos alunos pela da literatura infantil, para que estes se identifiquem com esse mundo rural.

E em se tratando de literatura, Chartier nos lembra que a forma de apropriação do texto escrito é histórico e socialmente variável.

*“não são depositados nos objetos, manuscritos ou impresso, que os suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como fariam a cera mole.”<sup>17</sup>*

A leitura é um ato concreto, uma ação que cria sentido. É uma interpretação em que de um lado se encontra o leitor capacitado e com posições, dada a sua prática de leitura, e de outro o próprio texto. A aplicação do texto ao leitor é uma relação móvel, dependerá da posição e das competências dele no momento histórico em que se dá a leitura.

---

<sup>16</sup> Idem Ibidem, 19-21.

Isso não significa dizer que qualquer leitura é possível para um determinado texto, mas que o momento histórico em que se produz, em que se lê a história e a formação do leitor e seu interesse devem ser considerados. Essa forma de análise denominada de “História Social das Interpretações”, contrariando a idéia de atribuir aos textos um sentido intrínseco, único e absoluto.<sup>18</sup>

Cabe-nos considerar que direcionamos esse trabalho a um outro caminho que não o da “História Social da Leitura”. Não faremos referência a como a sociedade do período que Tales de Andrade escreve é constituída, quais os seus grupos sociais, classes. Não pretendemos abordar a história do período republicano brasileiro e nem entendê-lo a partir de artefatos literários, como é a produção de grande parte dos historiadores sobre a história da literatura no Brasil.<sup>19</sup>

Ao ler Tales de Andrade, não intencionamos investigar que tipo de sociedade construiria essa literatura infantil, e muito menos sua obra como um mero reflexo de seu tempo. Nosso desígnio é compreender como se dão as construções de representações de Brasil e recuperar os elementos culturais presentes em sua obra.

Salientamos que nos distanciamos de um conjunto de intelectuais e memorialistas da cidade de Piracicaba, cujos trabalhos retratam Tales de Andrade como símbolo da importância da cidade ou mesmo como um herói. Muitos desses intelectuais escrevem suas memórias, baseando-se no convívio que tiveram com o próprio escritor. A nossa crítica se pauta na forma como tratam a obra desse autor. Nesses livros de memórias, Tales de Andrade é apresentado como um grande escritor, mas efetivamente não se abordam ou analisam o conteúdo de seus textos, muitas afirmações são feitas sem o devido cuidado com as fontes ou mesmo omitindo-as por vezes.

---

<sup>17</sup> Idem Ibidem, 25.

<sup>18</sup> Idem Ibidem, 27.

<sup>19</sup> Sobre a História Social da Literatura ver: **SCHWARZ**, Roberto. *Ao Vencedor As Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 5ª Edição, 2000.

Não é nosso objetivo desprestigiar a imagem e a memória de Tales de Andrade, mas sim, realizar uma análise séria do conjunto de sua obra, elaborando uma leitura minuciosa, uma interpretação crítica, enfatizando as representações de Brasil que o autor constrói.<sup>20</sup>

Sob essa configuração, dois momentos distintos abarcam a estrutura desta dissertação: no primeiro e segundo capítulos exploramos quais elementos Tales de Andrade recupera para construir sua representação de Brasil em “Saudade”, no caso, valorizando o homem do campo e sua vida simples; e no terceiro capítulo delineamos um contraponto com o livro “Campo e Cidade” para demonstrarmos que Tales de Andrade desloca sua representação de Brasil para a relação da harmonia entre o campo e a cidade.

---

<sup>20</sup> Ver: NETTO, Cecílio Elias. *Almanaque 2000 – Memorial de Piracicaba Século XX*. Piracicaba: IHGP/Jornal de Piracicaba/ Unimep, 2000.

## 1 – As Concepções de Campo e Cidade em “Saudade”

Neste capítulo situamos como as imagens de campo e cidade aparecem na obra “Saudade”<sup>21</sup> de Tales de Andrade publicada em 1919, evidenciamos a proposição do escritor sobre a boa vida que o principal personagem do livro e narrador da história, Mário, possui no campo.

O enredo de “Saudade” apresenta a estória do personagem e narrador do livro – Mário. O autor perpassa o sentimento de desconforto de Mário e da família por terem que viver na cidade. Apesar da atmosfera de insatisfação e saudosismo, no decorrer da estória não fica claro o porquê da saída da família de Mário do campo.

Três momentos distintos compõem a narrativa, a saber, a primeira parte é dedicada ao relato da transferência da família do personagem, Mário, para a cidade e o encontro com o insucesso, as dificuldades financeiras e a quase falência. Na segunda e maior parte do livro, Tales de Andrade explora o retorno da família de Mário para o campo como forma de sair dos perigos e dificuldades que a cidade impunha. Nessa parte em especial, podemos identificar quais experiências de vida que o autor, Tales de Andrade, considera importantes para os alunos conhecerem, lembrando que depreendemos seu texto enquanto um romance de formação.

Por fim, a terceira parte narra a passagem do personagem Mário para a adolescência, momento em que o pai o envia para estudar em uma escola agrícola para aprender e desenvolver o ofício de agricultor.

---

<sup>21</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974

- **A Cidade**

Logo na chegada à cidade, tudo se torna diferente e parece estranho. A primeira impressão de Mário sobre a cidade, sem ter vivido nada ainda nela, é ter “achado tudo esquisito, tão barulhento! Aquilo parecia um sonho ruim”.<sup>22</sup> A cidade é retratada como um lugar mais movimentado, e o barulho vem do movimento das pessoas que vivem na cidade e de seus acontecimentos.

Dona Emília, mãe do personagem Mário, tenta acalmá-lo dizendo que a vida na cidade seria menos trabalhosa e mais alegre<sup>23</sup>. Menos trabalhosa porque há na cidade uma oferta maior de produtos e de serviços, fazendo com que as pessoas não precisem ter que plantar para colher, não ficando a mercê do tempo de safra e, principalmente, que o trabalho é outro e é menos penoso que a lida com o sítio.

No entanto, Mário não consegue perceber assim a vida na cidade, para ele torna-se um verdadeiro “castigo”, pois sua mãe fica preocupada com os móveis, com o assoalho e com a aparência de seu filho, obrigando-o a andar “bem vestido”.

O castigo que o personagem Mário descreve é com relação a uma certa liberdade que havia no sítio, pois podia correr para qualquer canto, brincar mais livremente e portar-se de uma forma menos “polida”. Já, na cidade se depara com um controle maior sobre os filhos – pensemos nos carros, bondes etc, que podem ferir gravemente as crianças. Na cidade existe um controle maior sobre as pessoas, é um lugar mais perigoso, mais agitado.

Observemos o seguinte diálogo:

*“Mamãe vivia ralhando comigo, com receio de que eu estragasse o verniz dos móveis ou engordurasse o assoalho.”*

---

<sup>22</sup>Idem, Ibidem, p. 12.

<sup>23</sup>Idem, Ibidem, p.11.

*Eu teimava em pedir-lhe que me armasse a rede ao canto da varanda.*

*De manhã até a noite batiam palmas ao portão ou faziam soar a campainha. Aquilo parecia não ter fim, enjoava a gente. Era o padeiro, o leiteiro, o verdureiro, o peixeiro, o carteiro, o mascate, o cego, o aleijado e mil outras pessoas que iam oferecer alguma coisa ou pedir, ou visitar mamãe e acompanhá-la nos passeios.”<sup>24</sup>*

O que a mãe de Mário caracterizava como menor quantidade de trabalho, como menos esforço, como comodidade, torna-se para Mário um verdadeiro tormento. É desconforto. A vida na cidade não pára, o movimento é constante e enjoativo. Mário se vê agredido, preso, enjoado e acuado na cidade.

Tales de Andrade, por meio de seus personagens, explora um outro elemento da cidade: o fracasso. A família do personagem Mário, ao vender o sítio, investe o seu dinheiro em um armazém na cidade, porém o empreendimento não vinga. Vejamos a seguinte passagem:

*“Disse que as coisas não corriam bem [o pai do personagem Mário]. Efetuara transações infelizes. Só na última partida de açúcar sofrera um prejuízo de alguns contos de réis.*

*No livro de assentamentos havia um fiado enorme, completamente perdido. Estava todo em mãos de gente velhaca, trampolineira.*

*Dantes, quando possuía a fazenda, tudo parecia cair do céu por descuido. Não pagava aluguel de casa, não pagava água, lenha, café, feijão, arroz, batatas, cebola, banha, leite, queijo, manteiga, frangos, ovos, verduras, frutas, flores...*

*Agora? A despesa, já despropositada, crescia cada vez mais. Tudo custava muito dinheiro. Mas não era só isso. Percebia-se explorado pela maioria dos que o rodeavam. Ainda naquele dia arranjava mais*

---

<sup>24</sup>Idem Ibidem, p 14.

*um desafeto. E por quê? Somente porque não lhe emprestara certa quantia de dinheiro que estava no banco.*

*Qual! Era preciso mudar de vida. Era forçoso acabar com aquilo. Era necessário gastar menos, se não, ao cabo de algum tempo chegariam à miséria.*

*Pois já estavam com o capital reduzido à terça parte... ”<sup>25</sup>*

Percebemos que o pai do personagem Mário não conseguiu fazer do armazém fonte de sustento da família, perdendo o padrão de vida abastado que tinham no campo. Em parte, esse fracasso se dá, porque lhe faltava experiência nesse tipo de comércio, entretanto a principal causa se conota na assertiva: a cidade é traiçoeira e a “gente velhaca e trampolineira” corrompia a forma justa com que a família do personagem-narrador trabalhava. A família não era só inexperiente nos negócios, era inexperiente na cidade, pelo menos é isso que o enredo de Tales de Andrade aparenta propor.

A ingenuidade e a inexperiência misturadas à falta de caráter do homem da cidade levam à falência a gente de bem que vem do campo, e para piorar essa situação, o que caía como descuido no sítio, e era a base da alimentação da família, agora é comprado, vendido na porta da casa, isso enjoava àqueles que não estavam acostumados.

Mário narra o fato de que a família deveria começar a economizar, pois perdera dinheiro e seu pai começava a empobrecer. A primeira solução presente no livro está em o pai de Mário largar o armazém e procurar um emprego na cidade, aí começa um outro problema: em quê, um homem do campo, com aptidões para o trabalho rural, sem experiência com o mercado, trabalharia na cidade?

---

<sup>25</sup> Idem Ibidem, p 15.



Tales de Andrade engendra no enredo a família de Mário novamente em dificuldades. O pai de Mário fica mais três meses desempregado, o que dificulta sobremaneira as coisas, até ele ser empregado em uma fábrica de chapéus.<sup>26</sup> A família que tinha grande fartura no sítio, agora mais pobre, sobrevivia com um ordenado razoável que não permitia larguezas. Para o personagem, Mário, a cidade é um lugar de “Promessas, muitas promessas, mas ... só promessas”.<sup>27</sup>

A cidade é, ao mesmo tempo, o lugar do comércio, de relações financeiras, que possibilita o sucesso e a ruína; a abundância e a miséria. É o lugar do sucesso e da incerteza. Na cidade, o homem pode conhecer a fortuna, contudo pode ser um lugar perigoso e traiçoeiro para as pessoas, principalmente as simples e trabalhadoras do interior. A ingenuidade e a falta de sorte poderiam levar facilmente as pessoas à falência.

Tales de Andrade em um outro diálogo aborda questões como a saúde e como a cidade se fecha para quem não é bem sucedido. Vejamos o diálogo:

*“ - Que saudades da fazenda, disse papai suspirando. O senhor não calcula, seu Ferraz, o meu arrependimento por ter abandonado a liberdade do sítio. Ao vender a fazenda fiz a maior asneira da minha vida.*

- *Também penso nisso, afirmou seu Ferraz. A cidade tem o seus encantos: Ruas bem arranjadas, igrejas, teatros, mercados, iluminação, automóveis, muita gente e tantas coisas boas, mas também tem outras que só nos causam desgosto e dão prejuízos.*
- *É isso mesmo, continuou papai. Veja o nosso caso. Levamos uma vida trabalhosa e sem esperanças de melhorar. De que me serve a abundância nos mercados, nas lojas e nas vendas, se tudo é a peso de dinheiro? Para que me prestam os belíssimos e espaçosos prédios que vejo por aí, se a casa onde moramos é pequena, abafada e com uns*

---

<sup>26</sup> Idem Ibidem, p 17 - 18.

*vizinhos importunos e sem educação? De que me valem as festas e os espetáculos se para frequentá-los é preciso tempo, dinheiro e boas roupas? Que grande serviço me prestam as praças ajardinadas, se estão longe de minha pobre vivenda? Depois, seu Ferraz... depois, são os filhos a chorar, porque viram, na vitrine da esquina, um cavalinho de vinte mil réis, ou a gritar porque querem sorvete, melado, amendoim, rebuçado, frutas e mil coisas que os quitandeiros inventam e oferecem pela rua, desde manhã até à noite.*

- *E o senhor não fala do perigo dos veículos em disparada? Lembre-se de que sempre há por aí o caso novo de um desgraça. É um homem com as pernas quebradas, é uma criança esmagada...*
- *E as doenças seu Ferraz?*
- *É verdade. Só poeira...só a poeira quantas moléstias não espalha! Basta falar da tuberculose. Depois há sempre as epidemias de gripe, de sarampo, cachumba, catapora, dor d'olhos, coqueluche... alastram-se espantosamente.*
- *Creio que ainda volto a morar no sítio, seu Ferraz.*
- *Pois faz muito bem. Olhe seu Raimundo – “nem para os ricos é boa a vida da cidade”.*<sup>28</sup>

Para o pai do personagem, Mário, vender o sítio o fez empobrecer porque não encontrou na cidade o sucesso. Na cidade, ao contrário do campo, o sucesso não vem somente com o trabalho honesto, mas de muitos outros fatores. A cidade se faz sedutora com os seus inventos (bondes, carros, iluminação), se faz urbana com seus prédios, teatros, se faz chique com vestuário das pessoas, mas isso é falso. Ela se esconde atrás da poeira. Poeira que esses mesmos atrativos oferecidos produz, impedindo de ver o que a cidade realmente é. Na medida que a cidade oferece uma vida moderna, urbana, torna a gente que veio do campo infeliz, humilhada, torna o homem frágil socialmente. A cidade deixa o homem doente espalhando mais doenças, e doenças do corpo e da moral.

---

<sup>27</sup> Idem Ibidem, p 17.

<sup>28</sup> Idem Ibidem, p 19-21

A cortina de poeira que envolve a cidade só se revela quando o homem já está em desgraça financeira e moral. A cidade sufoca o homem de bem.

A solução que Tales cria para a família do personagem Mário é voltar para o campo. Isso aparece no transcurso da estória, quando um banco quebra e deixa o pai de Mário preocupado, restava-lhe algum dinheiro aplicado. Observemos o excerto:

*“ - Então, Emília, está assustada pela minha demora? Tem razão. Vou explicar o que sucedeu. Olhe: todo mundo hoje, só falava na quebra dos “Custeios”. Quando meu patrão chegou ao escritório, eu pedi a opinião dele sobre o meu desejo de transferir nosso haveres do “Lavoura e Comércio” para a Caixa Econômica.*

*- Olhou-me assustado e depois me disse:*

*- Então o senhor tem essa quantia num banco? Então o senhor, que já foi fazendeiro, que tem a prática de lavoura, que possui dinheiro para comprar alguns alqueires de mata, o senhor fica por aí a perder o seu rico tempo num emprego de duzentos mil réis. Admira-me, Sr. Raimundo! Isso é estragar o futuro de sua família. Queira desculpar-me a franqueza. O senhor tem feito muito mal nisso. E acredite que falo a verdade pura e simples. Falo em meu prejuízo, porque o senhor é um bom empregado e eu só tenho a perder com a sua saída daqui. Mas acho que é minha obrigação dar-lhe estes conselhos. É tempo ainda. Pega o seu dinheiro e compre umas terras com ele”<sup>29</sup>*

O conselho será acatado e fará com que a família de Mário retorne ao campo. O homem do campo sabe é trabalhar a lavoura, sabe é plantar e produzir, por isso deve voltar ao campo. O campo é o lugar do lavrador. Lá, ele não é enganado pelas pessoas, ele não se preocupa com suas roupas, não precisa se preocupar com o “verniz dos móveis” que a cidade exige. No campo o homem pode ser ele mesmo. O homem do campo perde seu tempo em viver na cidade, esse não é o lugar dele. O lugar dele é

junto com as plantações, laborando a terra, criando animais, produzindo seu próprio sustento. No campo o homem trabalha e não perde seu tempo como na cidade.

Tales de Andrade, em seguida, coloca no seu livro “Saudade” trechos de uma entrevista, atribuída a Max Duran,<sup>30</sup> com um homem cuja história se aproxima da família do personagem Mário. Nesse caso, também a vida no campo acabou sendo a solução dos problemas pessoais, da saúde da família etc.

Nesse fragmento, o homem que optou pelo campo fala do trabalho inicial - que foi muito difícil-, mas que após algum tempo já lhe rendera sustento e lucro.

*“ Com este dinheiro cercamos um hectare; compramos um cavalo, uma vaca, uma cabra e algumas galinhas. Construímos uma pequena casa de dois compartimentos. Com um junta de bois e um arado que me emprestou um bondoso vizinho, havia limpadado e arado a área cercada, podendo assim preparar a terra para semear e plantar árvores frutíferas e hortaliças. Logo os produtos desse hectare, cuidadosamente trabalhado, nos ajudaram para cercar o outro hectare, de sorte que hoje, os dois apresentam o aspecto que o senhor está vendo. Eis como procedemos:’ ”<sup>31</sup>*

No começo o campo se coloca como desafio, há muito trabalho por fazer, a terra tem que ser arada, plantar árvores de corte e de fruta, hortaliças etc, mas logo o trabalho

---

<sup>29</sup> Idem Ibidem, p 24

<sup>30</sup> Tales de Andrade acrescenta em seu livro “Saudade” uma série de outros textos atribuídos a outros autores, nesse caso trata-se de uma entrevista atribuída à Max Duram, mas não é possível identificar se essa entrevista tinha sido publicada anteriormente, muito menos sua data. Não é possível identificar quem é o autor como também se ele existe, o mesmo se atribui à entrevista. Idem Ibidem, p 26.

<sup>31</sup> Idem Ibidem, p 26.

rende fruto por si só, ele dá o sustento e sobra para vender, lucrar e ampliar a produção da terra.

Um outro ponto, nessa entrevista, que nos chama a atenção é como ele termina a entrevista:

*“Durante os três primeiros anos tivemos que trabalhar muito para alcançar uma vida folgada, mas logo que os pomares começaram a produzir e as hortaliças, galinhas, ovos, coelhos, queijo, manteiga, mel, e cera principiaram a ser vendidos a nossa situação mudou de figura, melhorou muito. “Enfim, podemos dizer e demonstrar que os nossos dois hectares, incultos a oito anos, dão hoje, anualmente, nove conto de réis de produtos, com um único esforço de minha família e já livres de toda a dívida. “- Pois o senhor é digno de felicitações e também a sua família, pelo êxito alcançado. “- Agradeço as felicitações e ponha a casa às suas ordens.” –Muito obrigado. Hei de publicar o que acabo de ver. Assim muitas famílias operárias poderão tomar o exemplo da vida feliz que os seus vieram encontrar no campo.”<sup>32</sup>*

A proposta de se mudar para o campo é endereçada aos operários em geral. O campo não é só a solução para os que nele nasceram e cresceram, mas sim para todos os homens. Nesse sentido, a cidade é colocada em segundo plano, pois, como mostramos, ela pode levar o homem à ventura e à desventura, pode oferecer conforto e inventos e ao mesmo tempo humilhá-lo. A cidade é perigosa e sedutora e por isso incerta. Já o campo, como veremos a seguir, é o lugar da tranquilidade, da certeza, da fartura.

---

<sup>32</sup>Idem Ibidem, p 26.

- **O Campo**

Como foi possível observar, a cidade é apresentada como um lugar incerto, perigoso, traiçoeiro para as pessoas simples e ingênuas que do campo se aventuram nela. Por outro lado, o campo vai ser retratado como o lugar da saúde, do bem estar e da felicidade.

Tales de Andrade organiza o enredo de “Saudade” de uma forma que só o ato da compra do sítio pelo pai do personagem Mário e a possibilidade de retorno ao campo já é o suficiente para tudo na vida da família de Mário melhorar. A mãe que se encontrava doente melhora, os problemas financeiros acabam repentinamente, tudo melhora. Com o tempo o pai do personagem Mário vai organizando o retorno da família para o campo, que não é imediato, mas fica claro que todos estão felizes. Isso nos permite inferir que o tipo de vida simples é o escolhido por Tales de Andrade, como modelo a ser seguido.

O ser simples é o que permite maior liberdade ao homem. No campo, pelo tipo de trabalho exigido, o homem pode ser mais rústico, menos polido. O campo permite maior liberdade ao homem. Viver no campo permite que o trabalho sustente a família, diferentemente do que acontece na cidade. O campo, pela fartura de alimentos, permite o crescimento dos filhos, e os deixa longe da miséria.

No campo o homem tem um espaço maior de atuação do que na cidade. A cidade exige, como vimos anteriormente, um conjunto de vestimentas, de comportamentos para estar socializado. No campo não. O requisito “roupa” acaba tendo sua importância estética reduzida, pois no lugar que se cuida dos animais, que se planta árvores, que se colhe frutas, que se abre mata e que se fica em contato direto com a terra, não há como exigir que se tenha cuidado com roupas ou vaidades desse tipo. O homem, pela forma como se constitui o campo, tem que ser simples.

Um outro aspecto que notamos na obra de Tales de Andrade com relação ao campo é a quantidade de trabalhos oferecidos ao homem. Quando o pai do personagem Mário no livro “Saudade”<sup>33</sup> compra algumas terras com o intuito de voltar a viver no campo e começa a trabalhar nela, assim relata à sua família:

*“Terminado o jantar, papai começou logo a narrativa de quanto se passara no sítio durante a semana. Pusemo-nos a escutá-lo com a maior atenção.*

*Muita coisa já se fez, Emília. Construimos um rancho para o pessoal. Agora pretendemos fazer uma pequena casa onde irei morar em companhia de um dos camaradas.*

*A derrubada começou há dois dias.*

*Dei ordem para cortarem dez alqueires de mata, justamente nos lugares escolhidos para casa de morada, ranchos, outras dependências e reservados para as primeiras culturas, para pastos, pomar, horta, jardim e terreiros.”<sup>34</sup>*

O campo possibilita uma quantidade muito grande de trabalho. A derrubada da mata, a construção das casas e dependências, criação de canteiros, irrigação etc. Esse trabalho, por mais penoso que seja, é entendido como honrado e frutífero, pois com a mata derrubada fornecerá madeira para a construção das casas, ela também pode ser vendida e obter lucros. O campo, nesse sentido, e diferentemente da cidade, é auto-suficiente, pois ele em si já produz lucro, precisando apenas do trabalho do homem. No campo o resultado desse trabalho é garantido, vejamos o fragmento retirado do livro “Saudade”:

*“Subam nesse tronco, disse papai. Poderão ver como as plantações estão lindas. Penso que colherei carradas e carradas de*

<sup>33</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64<sup>a</sup>. Edição, 1974.

<sup>34</sup> Idem Ibidem, p 39.

*milho e centenas de alqueires de feijão e de arroz. Hei de ter mantimento para o resto do ano e ainda para vender tanto que com o dinheiro possa mandar construir uma boa casa de tijolos, espaçosa, alta, assoalhada, forrada e que sirva definitivamente para nossa morada aqui no sítio.”<sup>35</sup>*

O campo se apresenta tão farto nos enredos criados por Tales de Andrade que no caso de “Saudade” o homem que na cidade trabalhava e mal conseguia o sustento da família; no campo, com o trabalho na lavoura, em pouco tempo não só tinha alimentos para toda a família e para a venda, como também, podia doar para instituições como hospitais e asilos.<sup>36</sup> O campo auxilia não só o homem que trabalha nele, mas auxilia à toda sociedade.

Segundo a construção literária de Tales de Andrade, o campo é o lugar da calma, da família, dos verdadeiros valores e isso, em certo sentido, porque está longe da cidade. Em uma outra passagem do livro “Saudade”, uma amiga da família do personagem Mário vai visitá-los quando suas terras já estão cultivando e produzindo, ou seja, o sítio já está formado. Nessa visita, os familiares de Mário travam um diálogo sobre o campo, dizendo que é sim um lugar bom para morar, que é saudável. A visitante, todavia, enuncia que jamais conseguiria viver ali por causa das noites escuras, que tão escuras são de causar medo. A mãe do personagem Mário retruca a essa opinião, declarando a beleza, pureza e amor encontrados em tudo no sítio.

O trecho destacado, é muito significativo nesse sentido:

*“Ora, minha amiga, as noites na roça não são tão feias.  
-Não me diga isso! Na cidade, sim, elas não são feias. Mal escurece, acendem-se as lâmpadas e tudo continua claro. Há*

---

<sup>35</sup> Idem Ibidem, p 53.

<sup>36</sup> Idem Ibidem, p 56.



*movimento pelas ruas até tarde, e quando todos dormem, os guardas ficam vigiando as casas.*

*-Pois a luz elétrica, a bulha das ruas e os guardas, Dona Francisca, valem pouco em comparação com o que se tem no campo. No campo, só o anoitecer quanto não vale? Aqui... Bem dizem os escritores e cantam os poetas: 'A tarde traz a porção de poesia de que precisa o nosso espírito. Todos os rumores tomam a suavidade de um suspiro perdido. Em todas as nuvens se apaga a refulgência de ouro, e o esplendor, que se não deixa fitar, é então atenuado. O céu derrama uma doçura, uma pacificação que penetra na alma e a torna também pacífica e doce... O piar velado e curto dos pássaros traz a lembrança de um ninho feliz. Em fila, a boiada volta do pasto, cansada e farta, e vai ainda bebericar no tanque. Um carro retardado, pesado de troncos, geme pela sombra dos atalhos. As casas, voltadas para o poente, com uma ou outra janela acesa em brasa, e os cimos redondos das árvores apinhadas, parecem ficar, de repente, parados, melancólicos e graves, olhando a partida do sol, que mergulha lentamente... Escurece. Os pirilampos, nas sebes, acendem as suas lanterninhas verdes. Vênus cintila no alto. E o dia, aqui no sítio finda, enquanto ao lado alguém ponteia a viola e canta uma dessas lindas canções brasileiras, longas em saudades e ais, e a lua, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surge, como a escutar, por detrás dos negros montes...''<sup>37</sup>*

E continua...

*“Sobre beleza é que discutimos, emendou mamãe. E recomeçou: Depois de anoitecer, a vida prossegue no interior das casas. Aqui, por exemplo, é nessa ocasião que se passam as melhores horas. Ninguém fica à janela, como na cidade, a espiar gente e mais gente, carro e mais carro, bondes, automóveis... Ninguém ouve o rodar dos veículos, a gritaria de um vizinho ou o apitar dos guardas. No meu entender, faz-se coisa mais alegre e mais proveitosa.*

---

<sup>37</sup> Idem Ibidem, p 77-79.

*Raimundo, comodamente estirado na rede, lê os jornais e revistas....eu cuido do crochê.... Mario e Rosinha estudam....*”<sup>38</sup>

O campo é poesia para o espírito, o campo ao entardecer fica calmo e devagar para descansar o trabalhador do dia. O entardecer suaviza a vida. O campo é paz para os homens. No campo o fato de ser a noite escura, calma e lenta, faz com que as pessoas fiquem mais juntas, faz o homem trabalhador ver a mulher e saber dos filhos, promovendo a vida em família, tornando-os unidos e felizes.

O barulho da cidade atrapalha a vida, não há descanso. O homem não fica calmo. No sítio não, quando anoitece ele canta a vida e o Brasil. A mãe do personagem Mário termina esse diálogo fazendo duas afirmações: primeira, que a calma do campo deixa o homem dormir como se deve dormir e a segunda, que discutiam sobre beleza e não sobre medo e feiúra.<sup>39</sup>

O homem que trabalha no campo tem atividades físicas em extremos, por isso precisa descansar, e descansa para trabalhar, para produzir, para melhorar as condições da família e do país. Essa é a beleza do trabalho e da vida no campo.

No segmento, anteriormente destacado, um outro elemento é importante: a cidade mesmo com seus encantos e com a luz elétrica não é melhor forma de viver. Segundo as falas dos personagens de Tales de Andrade, no campo a falta de luz elétrica ajuda a família, em vista de como apenas alguns cômodos possuem lampiões (ou alguma forma de luz que não elétrica) as pessoas acabam ficando mais próximas, encontrando-se e se relacionando depois de um dia cheio de trabalho. A cidade por ser agitada, mesmo durante a noite, não permite o encontro das pessoas e nem a criação de laços mais profundos.

---

<sup>38</sup> Idem Ibidem, p 79-80.

<sup>39</sup> Idem Ibidem, p 79-80.

No campo não, a noite torna o relacionamento mais “doce”, a noite faz o pai ver a mulher e saber dos filhos. Percebemos o campo como um lugar idílico, perfeito, mítico. Ele dá sustento, permite a fartura, fornece uma vida de trabalho, mais saudável e além disso “derrama uma doçura, uma pacificação” nos homens que ao campo estão atrelados. Mesmo a falta de luz lhes é importante.

Inferimos, assim, que no campo há uma relação temporal diferenciada. Se na cidade os carros não param, os guardas rondando a noite inteira, com a luz ninguém dorme, ou seja, a cidade tem um movimento constante, no campo o homem depende do tempo da natureza para trabalhar.

O dia de trabalho não é marcado pelo horário da cidade, do comércio, das fábricas, e sim do sol. No campo existem a hora da ordenha, o tempo do plantio, o tempo da colheita, e nesse tempo a ação humana pouco pode interferir. O homem se integra ao ritmo do campo, trabalhando de acordo com que o campo lhe permite e diferentemente da cidade, descansa, se recupera. O homem se integra ao campo e o transforma, sempre em acordo com o tempo da natureza.

Nesse olhar, podemos identificar que natureza para Tales de Andrade é tudo aquilo que esteja relacionado com o cotidiano do campo produtivo, ao sítio, e não à mata fechada e ao sertão. Natureza está relacionada com a presença e o trabalho humano no campo.

Em “Saudade” um primo do personagem Mário, que mora na cidade, vem passar uns tempos com a família de Mário no sítio, para se curar de algumas doenças. Isso é relatado como se o campo, ao permitir o contato com a natureza, fizesse o homem encontrar sua sanidade.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Idem Ibidem, p 70-71.

Em outras passagens Tales de Andrade aborda que viver no campo é viver em contato com a natureza e encantado pela natureza. Natureza e campo se confundem. Se pensarmos que no campo o homem é mais rústico, tendo em vista, o tipo de trabalho que executa, e esse trabalho o coloca perto dos animais e das árvores e das fontes, podemos considerar que natureza é poder trabalhar e produzir o campo. O trabalho no campo possibilita ao homem se integrar à natureza.

Depreendemos ,até aqui, que o campo é o lugar ideal para o trabalhador e que a cidade tem seus encantos, mas é traiçoeira com o homem simples; que no campo há fartura de alimentos e as possibilidades de viver melhor. Faz-se necessário,nesse entremeio, abordar o que para Tales de Andrade é o campo e a sua diferença com a mata (ou floresta) e o sertão.

Analisando o livro “Saudade” fica difícil separar exatamente mata de sertão, no entanto, podemos considerar que mata e sertão são lugares pouco habitados e, conseqüentemente, com pouca atuação humana. A floresta, ou a mata,é o lugar limite para o homem.

No caso de “Saudade” há uma passagem em que um personagem ainda menino tem que enfrentar a mata e ir até a cidade sozinho.<sup>41</sup> Quando esse personagem já está de volta da cidade e se vê na mata ao anoitecer ,começa a escutar barulhos e ver coisas. Acha que o “Saci” está atrás dele. Em ambos os casos a mata é, portanto, o lugar da fantasia, da magia , da natureza agindo sozinha e, por isso, é fantasia.<sup>42</sup>

Com relação ao sertão, há uma passagem significativa em “Saudade”, que reproduzimos na seqüência:

---

<sup>41</sup> Essa passagem de “Saudade” é um texto atribuído a Monteiro Lobato, com o título “Pedro Pichorra”, posteriormente Lobato publicaria esse mesmo texto no livro “Cidades Mortas”. Ver em: **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64º Edição, 1974, p.127-131. e **LOBATO**, Monteiro. *Cidades Mortas*. São Paulo: Brasiliense, 16º Edição. 1972.

*“Se aquele pobre casal de roceiros morasse em Londres, Paris ou Nova York, naturalmente não se conformaria com o sucedido e, sem demora, pressuroso, recorreria à infalibilidade de um policial amador. Assim, um bigodudo Nick Winter ou um Sherlock qualquer, após a cachimbada costumeira, pôr-se-ia logo em campo e em três tempos descobriria as pegadas fresquinhas do...”*

*Mas nós tão bem sabemos que o “Itaquiri” fica no Brasil, no Estado de São Paulo, ali no município de Rio Claro. Depois note-se que o Estado de São Paulo ainda não tinha polícia de carreira e em Rio Claro não está aquartelada um seção de metralhadoras. Depois naquele tempo do Imperador, quem é que sonhava com o cinema? Nem Júlio Verne... Quem é que comprava espalhafatosos romances policiais de trezentos réis o fascículo?*

*“Itaquiri” era apenas um sertão bravo, onde onças miavam em noites de luar...”<sup>43</sup>*

O sertão aqui tem características diferentes da floresta, ele se apresenta como um lugar distante, sem muita organização e com animais perigosos, não domesticados. É um lugar pouco cultivado, e, conseqüentemente pouco procurado. É o limite, a fronteira entre o campo e não cultivado, entre o cultivado e o estado bruto.

Um outro aspecto observado é que no sertão existe a insegurança, pois o trecho citado é um comentário sobre o desaparecimento de um cordão de ouro nessa região, que não é a região onde a família do personagem Mário habita. O sertão é um lugar onde a polícia é ineficaz, onde há roubo e criminalidade, além do perigo dos animais selvagens, por isso que o sertão é bravo. No campo, ou mesmo na cidade, em nenhum

---

<sup>42</sup> Sobre a fantasia vinculada à floresta ver: ANDRADE. Thales Castanho. *A Filha da Floresta* – Coleção Encanto e Verdade. Prefeitura do Município de Piracicaba/Secretaria de Ação Cultural, 1998.

<sup>43</sup> Idem Ibidem, p 150-151.

momento aparece a figura do policial<sup>44</sup> ou mesmo do criminoso ou de qualquer tipo de crime.

Campo, por outro lado, é o lugar da possibilidade da produção agrícola. É o lugar cultivado e domado, controlado pelo homem. Campo não é mata fechada nem sertão bravo, são terras no perímetro urbano, ou seja, próximas de cidades (o campo fornece produtos para a cidade) e com estrutura organizacional. O campo possui casas, pastos, lagos, comércio. O comércio é muito importante para o campo, é dele que vem os lucros (o sustento vem do próprio trabalho do homem no campo). O campo pode até ser rústico, simples, mas não é isolado. Campo é lavoura, é um conjunto de sítios com uma certa articulação e dependência e, principalmente, o campo produz.

Um outro elemento que sustenta esse nosso argumento são algumas ilustrações contidas nos livros “Saudade”. A primeira figura que selecionamos (Figura 1)<sup>45</sup> é a capa do livro “Saudade” em que o personagem Mário contempla uma área rural com animais, vegetações e áreas cultivadas: o campo. Trata-se da ilustração do sítio da família do personagem Mário. É desse lugar que ele tem saudade, saudade da roça, da plantação, do trato com os animais domésticos, com a pecuária e não com a onça pintada. O homem até pode transformar a floresta em campo, mas isso significa dizer que o campo é o lugar transformado pelo homem.

Já na figura número 2<sup>46</sup> observamos os personagens Mário e sua irmã Rosinha em um jardim em frente a uma casa bem construída e tudo ao redor muito organizado e harmônico. Isso é o campo. É cultivar plantas em canteiros, é organizar e dominar os espaços pelo homem, para seu proveito e conforto. O campo é tão organizado e seguro que crianças podem trabalhar no jardim, podem lidar com ferramentas de trabalho de

---

<sup>44</sup> Não aparece a figura do policial, mas em um determinado momento em “Saudade” o exército aparece para um desfile, mas não por causa de falta de ordem social, brigas ou crimes.

<sup>45</sup> Ver página 93.

<sup>46</sup> Ver página . 94.

adultos sem perigo algum. Até mesmo o cachorro respeita a organização dos espaços, ele não entra no jardim.

No livro “Saudade”, Tales de Andrade relata que a família do personagem Mário vive em um sítio, num bairro rural. E para definir “bairro rural” vamos nos valer das considerações de Queiroz<sup>47</sup> que entende o “bairro rural” como um tipo de povoamento “encontrado nas províncias de São Paulo e Minas Gerais” e se refere a uma “unidade mínima de povoamento”, ou seja, um conjunto de terras pouco povoado, um tipo de ocupação territorial encontrado no interior de São Paulo e Minas Gerais.<sup>48</sup> Essa situação até poderia ser encontrada em outras regiões do Brasil, mas receberiam outras denominações e nem sempre teriam as características que enunciaremos abaixo.

O bairro rural é um grupo de vizinhança dispersa, mas que consegue criar o sentimento de pertencimento, permitindo aos seus membros se distinguirem de outros bairros da região e mesmo de outros bairros rurais. Para Queiroz, o sentimento de pertencimento é elemento fundamental para a configuração do bairro rural.<sup>49</sup>

Os bairros rurais são formados por “famílias autônomas, autárquicas, lavrando suas propriedades independentemente e suas roças quando e como queriam”<sup>50</sup>. Para Queiroz o sítio era autônomo e dependia do trabalho familiar. O sítio é, portanto, uma propriedade familiar em um bairro com vizinhança dispersa.

No entanto, Queiroz chama a atenção para a importância do “mutirão” e o entende como “troca de dias de serviço e outras formas de auxílio mútuo”, como forma de suprir a falta de mão-de-obra de um bairro que é disperso em seu “habitat” como também uma maneira de diminuir os custos com empregados. Esses trabalhos trocados são meios para a criação dos laços de amizade e pertencimento do bairro rural.

---

<sup>47</sup> QUEIROZ, M. i. P. *Bairro Rurais Paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

<sup>48</sup> Idem Ibidem, p.3.

<sup>49</sup> Idem Ibidem, p.4..

<sup>50</sup> Idem Ibidem, p.4.

Essas questões aparecem na obra “Saudade” de Tales de Andrade, quando o pai do personagem Mário volta ao sítio e se hospeda na casa de um vizinho próximo e este o ajuda nas primeiras obras e construções no novo sítio.<sup>51</sup> Tales de Andrade mostra que o vizinho o ajuda de bom grado, como se fosse algo comum na região.

Consoante Queiroz essa relação de vizinhança permite aos seus membros adquirirem consciência da unidade de funcionamento do bairro, da mesma forma, estabelecer uma configuração intermediária entre a família e a cidade. O bairro rural é, nessa perspectiva, a forma mais elementar de sociabilidade da vida rústica, no caso, a vida no campo.

Mesmo sendo autônomo na forma de se organizar e cultivar as terras, Queiroz salienta que o bairro rural era tributário do povoamento citadino, seja pelas estruturas oficiais (fórum, polícia, prefeitura, bancos etc) seja porque era na cidade que os excedentes da produção rural eram negociados.

Novamente essas questões se encontram presentes na obra de Tales de Andrade, toda a produção que deveria ser comercializada pela família do personagem Mário era negociada no centro da cidade e não entre os vizinhos.

Um outro ponto presente na obra de Tales de Andrade e analisado pela autora Queiroz, faz a alusão aos bairros rurais possuírem um mesmo nível econômico, já que todos são proprietários de suas terras e todos cultivam praticamente as mesmas coisas.

Para Queiroz os bairros rurais “*participando das mesmas crenças, das mesmas práticas religiosas, dos mesmos costumes dos mesmos, dos mesmos conhecimentos técnicos, dos mesmos labores, era difícil surgir entre eles uma diferenciação social hierárquica muito desenvolvida e muito bem definida*”<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª. Edição, 1974, p.37-38.

<sup>52</sup> **QUEIROZ**, M. i. P. *Bairro Rurais Paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973, p 4.



Os homens dos bairros rurais detêm um mesmo nível social de conhecimento, de empreendimento rural e por isso se encontram muito próximos no nível social e econômico. O mutirão, dada a forma que era praticado, não permitiria nem mesmo o surgimento de uma liderança política e econômica local.

Na obra “Saudade” Tales de Andrade reproduz essas mesmas características descritas por Queiroz, todos os personagens que moram no bairro rural do personagem Mário possuem o mesmo nível social, trabalham da mesma forma, possuem laços de cooperação e não há um líder rural, uma autoridade local.

É necessária uma outra diferenciação: Quem é o sitiante e quem é o latifundiário?

O sitiante (lavrador ou o camponês) é aquele que produz a terra da forma que quer, plantando uma variedade de cereais e hortaliças, depende essencialmente do trabalho familiar e, principalmente, busca o sustento da família em primeiro lugar, comercializando somente os excedentes, ou nas palavras de Queiroz:

*“...sitiante: todo o pequeno produtor rural que, responsável pela lavoura, trabalha direta e pessoalmente a terra com a ajuda de sua família e, ocasionalmente, de alguns empregados remunerados. A autonomia, a responsabilidade pelo empreendimento, o trabalho com a mão-de-obra familiar, formam os traços essenciais do sitiante.”<sup>53</sup>*

Por sua vez, o latifundiário (grande produtor), para Queiroz é o que não trabalha diretamente a terra, produz exclusivamente para o comércio seja local, nacional ou mesmo internacional. Visa o lucro e, em geral, se dedica a não mais que dois tipos de cultura, no caso do interior do Estado de São Paulo, sobremaneira a cana-de-açúcar e o café.

Tales de Andrade descreve a família do personagem Mário, como lavradores, sitiantes, vivendo do que produzem, não visam unicamente o lucro como resultado imediato do trabalho com a terra, possuem uns poucos empregados e é o pai do personagem, Mário, o único responsável pela organização do trabalho e está coditariamente na terra que labora.

Um último elemento seria a idéia de isolamento dos moradores dos bairros rurais. Esse isolamento não se daria pela distância dos bairros rurais em relação aos centros urbanos, mas principalmente pela auto-suficiência que o campo permite ao lavrador, tendo em vista sua possibilidade de autonomia de trabalho junto com sua vizinhança. O fato de estarem isolados e “cooperados” imprimem ao bairro rural o fortalecimento de elementos folclóricos.

Essa questão folclórica pode ser vista em “Saudade” principalmente quando o personagem Mário descreve como eram as festas juninas, sua organização, seu rito e a forma autêntica com que os moradores do bairro rural a festejam.<sup>54</sup>

Fizemos esses apontamentos sobre a concepção de “bairro rural” para demonstrar que Tales de Andrade busca atribuir em seus personagens e nas suas histórias elementos típicos dos encontrados nos bairros rurais paulistas no início do século XX. Mesmo o sítio da família de Mário, sendo uma criação de Tales de Andrade, é perfeitamente enquadrado no que se conhece sobre as propriedades dos bairros rurais, retratando, portanto, elementos da realidade.

Expusemos nesse capítulo como o autor Tales de Andrade apresenta a idéia de campo e cidade em seu livro “Saudade”. No segundo capítulo discorreremos sobre as características do homem do campo.

---

<sup>53</sup> Idem Ibidem, p.6.

<sup>54</sup> Essas relações serão mais explorados no 2 Capítulo deste trabalho.

## 2 – O Homem do Campo

Como anteriormente já afirmamos, Tales de Andrade escreve sua obra em função das crianças, e a elas transmite sua mensagem de amor ao campo e ao mundo rural. Nessa parte do trabalho abordaremos como é retratado o caráter do homem do campo e algumas de suas características.

- **O Homem é Bom, Trabalhador e Empreendedor.**

Começamos pelo pai do personagem Mário. Seu Raimundo é um homem de princípio, nunca mente, é amável com as crianças e com a mulher e um exemplo de trabalhador. Ele leva a família novamente para o campo porque é lá o seu lugar, lá ele tem conhecimento e experiência de trabalho, mas, ao mesmo tempo, é retratado por Tales de Andrade como um homem simples, sem malícia e isso o faz perder o comércio que tinha estabelecido na cidade.

Porém, ao falar desse personagem o que mais nos chama a atenção é com relação ao *status* de poder que recai sobre sua pessoa. O pai do personagem Mário sempre foi o líder da família, quando não tinha ainda o sítio e viviam na cidade, todos os que o rodeavam acabavam dando-lhe muitos conselhos. No quando da compra e do trato com a terra aparece uma mudança na sua personalidade, continuando bom, trabalhador e amável, mas agora dando ordens.

No livro “Saudade”<sup>55</sup> há uma passagem, logo após a compra do novo sítio pelo pai do personagem Mário, em que este relata o andamento dos trabalhos no sítio e das primeiras tomadas de decisões.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª. Edição, 1974.

<sup>56</sup> Essa passagem já foi apresentada no primeiro capítulo 1, ver página 32 deste trabalho.

Na primeira parte dessa passagem, ele, na atribuição de dono da terra e patrão, escolhe alguém para morar em sua companhia em uma casa, em vez do rancho coletivo. Além de ele fazer as escolhas, confere poder e funções, estabelece hierarquia entre os seus funcionários elegendo um de sua confiança. Na segunda parte, ele emite sua voz de comando: “Dei ordem para cortarem”, sinalizando quem é que comanda os serviços. Isso sempre com muita educação, elegância, com todos os funcionários; e Tales de Andrade imputa a todos os personagens de “Saudade” essa educação, respeito e amor pelas crianças.

Uma outra característica atribuída ao personagem do pai de Mário é a de conciliador. Há uma outra passagem em “Saudade” na qual o personagem Mário se desentende com seu primo - de nome Juvenal. Mário se gaba por estar andando com o cavalo de seu pai e ao passar pelo primo não o cumprimenta e nem pára, causando um certo constrangimento entre eles.<sup>57</sup> O pai de Mário, ao saber do ocorrido, repreende o filho e mandando-o levar o cavalo até a casa de seu primo para que ele também ande e se desfaça o mal entendido, tendo em vista serem primos.

Pela atitude do pai de Mário, vê-se que o autor Tales de Andrade, faz do pai o centro da família, o homem justo que não quer a diferença entre as pessoas, um defensor da família, que não permite nenhum tipo de constrangimento familiar.

Constatamos que o pai do personagem Mário passa de um fracassado, infeliz e quase inútil da sua trajetória pela cidade, a um grande empreendedor e comandante no campo. Ele toma as decisões certas, sabe como lidar com os serviços da terra, torna-se um homem capaz, feliz e respeitável.

---

<sup>57</sup> Idem Ibidem, p 41.

O caráter do personagem do pai de Mário é posto em relevo quando este tem que decidir sobre a formação de seu filho e diz ainda não saber o que fazer. Notemos, isso no trecho, a seguir:

*“Sabe Sr. Pontes, não decidi coisa alguma, nem sei por quê. Mário gosta demais de viver campestre e tem forte inclinação pelos trabalhos da agricultura. Tem um jeito extraordinário para lidar com plantas e animais. Um dia até chorou quando lhe disse que iria estudar para médico, ou, advogado, ou engenheiro...*

*-E então?*

*-Tenho receio de fazer com que Mário siga a minha profissão. Penso que nenhuma outra carreira ele encontraria mais vantagens...*

*-Mais vantagens? Ora, seu Raimundo, por favor, não diga disparates. Pois admite que haja, dentre as carreiras que se acham a nosso alcance, uma outra que seja mais rendosa, mais honrosa e mais brilhante que a de agricultor?”<sup>58</sup>*

Como fica indicado é o pai quem vai decidir sobre a vida do filho; isso nos permite deduzir que Tales de Andrade reafirma o caráter paternalista do começo do século XX<sup>59</sup>. O pai é o centro das atenções e a ele cabe as decisões sobre a vida de todos da família.

Esse fragmento ainda nos ajuda a considerar que é o homem que escolhe o campo. Afirmamos isso, pois o pai do personagem Mário faz o gosto do filho e lhe concede a permissão para estudar agronomia. O homem escolhe viver no campo deliberadamente. É uma escolha consciente e programada.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Idem Ibidem, p 162.

<sup>59</sup> Sobre paternalismo ver em : CAULFIELD, Sueann. *Em Defesa da Honra: Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Unicamp, 200.

<sup>60</sup> Essa mesma escolha aparece no conto a “A filha da Floresta” em que o pai oferece ao filho diversas possibilidades de profissões, mas ele acaba escolhendo o campo. ANDRADE, Tales Castanho. *A Filha*

O homem do campo, para Tales de Andrade, até pode conhecer o fracasso, principalmente se negar o campo, mas se ficar e trabalhar a lavoura jamais passará necessidade. O homem encontra a fartura no campo.

- **Um Homem Solidário e Festivo**

Dois elementos que sempre aparecem nos livros e contos de Tales de Andrade são a solidariedade e a festividade do homem do campo.

A primeira manifestação de solidariedade perceptível em “Saudade” ocorre no momento em que o pai do personagem Mário, já vivendo uma vida tranqüila no sítio, leva alimentos em forma de doação para hospitais e asilos na cidade. O homem do campo é retratado como um homem que pensa no bem estar dos outros ao seu redor. Ele se preocupa com quem não tem nada. Ele ajuda aos seus para que estes prosperem.

Nas páginas finais do livro “Saudade” há a narrativa da compra de terra por um funcionário do pai do personagem Mário, ajudado por ele. O homem do campo quer que seus semelhantes também tenham sucesso na vida.

Não aparece nas histórias criadas por Tales de Andrade nenhum tipo de mutirão para se construir casas, como aparecem no livro “Parceiros do Rio Bonito” de Antonio Candido<sup>61</sup>, mas existe solidariedade. No instante em que o pai de Mário compra suas terras, ele fica na casa do dono do sítio vizinho, alimentando-se e morando com ele, não há nenhuma passagem ou indícios de que esse vizinho trabalhe com ele, e mais, trabalhe de graça, pela simples camaradagem ou tradição. Todos os trabalhadores ou são assalariados ou ganham de alguma outra forma, vivendo como agregados no sítio.

---

*da Floresta* – Coleção Encanto e Verdade. Prefeitura do Município de Piracicaba/Secretaria de Ação Cultural, 1998

<sup>61</sup> CANDIDO, Antonio “As Formas de Parcerias” In: *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Editora 34, 9ª Edição, 2001.

Outro tipo de solidariedade relatado nos livros de Tales de Andrade ,são as ocasiões de festas e casamentos. No caso da “Festa de São João”<sup>62</sup> todos ajudam nos preparativos, arrumando o lugar escolhido, ou cantando, tocando algum instrumento musical, levando algum tipo de alimento ou doces, trata-se de uma festa coletiva de que todos podem usufruir. Nos casamentos,<sup>63</sup> todos os vizinhos participam das festas e eventualmente levams um presente. Ao pai da noiva caberia um dote, mas as pessoas, em geral, não ajudam muito.

É pertinente um comentário sobre as idéias de festas presentes na obra de Tales de Andrade. O primeiro tipo de festa é a convencional, como festa de São João, casamentos, aniversários, e todas elas são festejadas com muita alegria e espera. O personagem Mário sempre se mostra ansioso pelo horário da festa.

Uma outra forma de festa é a realizada para receber alguém distante ou “diferente” que vem ao sítio. Quando isso acontece, o cardápio muda, há mais o que comer. O homem do campo já se alimenta muito bem, segundo a construção literária de Tales de Andrade, porém nesses momentos, em sinal de respeito, é oferecido à visita um verdadeiro banquete.

A festa, ainda, recebe uma conotação diferente para o homem do campo de Tales de Andrade, como percebemos em:

*“Depois de anoitecer, a vida prossegue no interior das casas. Aqui, por exemplo, é nessa ocasião que se passam as melhores horas. Ninguém fica à janela, como na cidade, a espiar gente e mais gente, carro e mais carro, bondes, automóveis... Ninguém ouve o rodar dos veículos, a gritaria de um vizinho ou o apitar dos guardas. No meu entender , faz-se coisa mais alegre e mais proveitosa. Raimundo, comodamente estirado na rede, lê os jornais e revistas. Às vezes, lê romances e outros livros. Às vezes, escreve. Eu cuido do*

---

<sup>62</sup> ANDRADE, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974, p.112-116.

*crochê e escuto a leitura por meu marido ou meus filhos, aos quais ajudo no preparo das lições. Mário e Rosinha estudam ou nos escutam. A Teresa, depois de escolher o feijão para o dia seguinte, senta-se na tripeça, perto da porta, e agrada ao “Corrupio” ou faz meias, e também escuta o que se fala e entra na conversa. Muitas vezes, as crianças andam à volta do fogão, esperando que fiquem assadas as batatas postas na cinza quente. Quase sempre frito pratadas de “bananinhas” ou de bolinhos de colher. É uma festa. Também é festa se se arrebenta uma caçarola de pipocas. Habitamos a deitar cedo. Quem cedo se levanta, cedo tem sono. Nove horas já é tarde. Em geral, às oito e meia todos vão para a cama. Dorme-se bem. Dorme-se como se deve dormir – sossegadamente.”<sup>64</sup>*

O sítio é uma festa. Viver na simplicidade do campo, com a família reunida em casa, com tudo o que a casa do campo tem, é uma festa. O homem do campo de Tales de Andrade festeja a vida simples, o canto dos pássaros, os bichos, a lavoura, a manhã, a tarde, a noite, enfim, tudo é realmente uma festa. Tales de Andrade alvitra que viver a vida do campo é viver num contentamento tão grande que a vida se torna uma festa.

- **A Mulher**

Para versarmos sobre a figura da mulher na obra de Tales de Andrade, escolhemos três personagens marcantes do livro “Saudade”: a mãe, a irmã e a professora do personagem Mário.

A mãe é retratada como a dona do lar, senhora da casa e dos filhos. É ela que organiza os afazeres domésticos, que cuida e educa os filhos, ajudando-os nas tarefas escolares. É uma figura honrada e fiel. Jamais apareceu em momentos de fúria ou raiva, mas sim em contemplação da vida no campo (como mostramos acima) e sempre

---

<sup>63</sup> Idem Ibidem, p 145-146.



trabalhando. Em termos de trabalho, a mulher é tão importante quanto o homem. Ela prepara o almoço para as visitas, ela cuida das galinhas, dos jardins, de alguns animais. O funcionamento do sítio depende em grande medida do trabalho da mulher.

Porém, do ponto de vista do poder de decisão, ela pouco participa. Quando a família do personagem Mário decide voltar para a vida no campo, a mãe dá sua opinião, participa em algum grau, mas a decisão é do pai. É ele quem aceita a proposta de compra e assume a dívida. A mulher faz de tudo para ajudar o marido, mas é ele o responsável.

Já a filha, que em “Saudade” é criança ainda, seguirá os passos da mãe. Isso fica evidenciado no decorrer do livro. Ela não brinca com as mesmas coisas que o personagem Mário brinca, ela não experimenta a vida no campo como o irmão. A filha fica sempre próxima à casa da família e da sua mãe. Suas brincadeiras e atividades imitam a mulher adulta. Essa imagem de mulher se vê, em:

*“-Estão batendo aí, Mário*

*Levantei e fui abrir a porta. Era Rosinha*

*-Até agora?! exclamou. Mais de duas horas, fechados aqui no quarto, só para ver esse pouquinho de brinquedos? Eu, sim, é que tenho brinquedos a valer. Quatro bonecas de porcelana, uma de massa, cinco de pano. E todas têm a sua roupinha de batizado, de baile, de festa e de ocupar a casa. Tenho maquininha de costura, o estojo que você me deu, livros de figurinhas, um ferrinho de engomar, um diabolô...*

*-Chega Rosinha. As mulheres precisam mesmo ter muitos brinquedos.*

*-Ora essa! Por quê?*

*-Porque nós, os homens, subimos às árvores, pescamos, nadamos, brincamos de tourada, de cavalinho, de guerra... Vocês*

---

<sup>64</sup> Idem Ibidem, p 79-80.

*não! Vocês, desde meninas, já vão ficando em casa, aprendendo a ser patroas, recebendo visita, fazendo docinhos, comidinhas, roupinhas, enfeitando a sala...*

*-E você pensa que estamos erradas, que fazemos mal nisso?*

*-Pelo contrário, prima. Acho que fazem só o que devem. Fazem muito bem”<sup>65</sup>*

À mulher cabe o cuidado com os filhos, por isso brinca, quando crianças, com bonecas para aprender. Elas não sobem em árvores, elas cuidam do lar. A irmã do personagem Mário, a exemplo da mãe, faz bem ao fazer doces, roupas, enfeites, afinal é a sua função social. Tales de Andrade emprega a moral típica do início do século XX em suas obras. O mundo público é dos homens e às mulheres cabem as casas.<sup>66</sup> No entanto, esse aspecto é isento de conflito dado que a irmã de Mário aceita e afirma, como a mãe, esse papel para a mulher.

Um fato significativo da narrativa se dá , quando tratam da educação do personagem Mário, é o pai em conversa com um amigo que toma a decisão, sem a opinião da mãe. À mãe cabe cuidar do filho e não escolher seu futuro. Isso é competência do pai e chefe da família. Não se cogita para a irmã de Mário, estudar fora ; ela, no máximo, se tornará professora primária e estudará próximo da proteção familiar. O casamento e os cuidados com o lar é o que espera a irmã de Mário.

A professora, por sua vez, recebe uma função próxima a da mãe. Ela é quem vai educar e cuidar das crianças na escola. É a professora que estimulará o gosto pelo trabalho e vida no campo. Essa função social da mulher é ressaltada no seguinte trecho:

---

<sup>65</sup> Idem Ibidem, p 94.

<sup>66</sup> Sobre o papel da mulher no início do XX ver : **CAULFIELD**, Sueann. *Em Defesa da Honra: Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Unicamp, 200.

*“Pelo caminho, papai e mamãe começaram a falar sobre ela.*

*-Que tal a professora dos nossos filhos? perguntou papai.*

*-Bem simpática e acho que deve ser muito boazinha. Percebe-se que é prestimosa e, principalmente, muito modesta.*

*-Você acertou, Emília. Dona Alzira sabe ensinar e educar a meninada, e, além disso, não despreza os trabalhadores da roça. Faz a norma de um requerimento para um, resolve um problema para o outro e vive, assim, estimada de todos. Certa ocasião pretendeu remover-se, mas tanto se lastimaram, que ela não achou jeito de persistir na idéia. Sei que se alguém, por acaso, se levantasse para molestá-la, ver-se-ia contra cinquenta que a defenderiam.”<sup>67</sup>*

A professora é tão bondosa , quanto uma mãe é para seus filhos. Ela ensina e ajuda nas tarefas e, principalmente, respeita e incentiva o trabalhador da lavoura, meio em que vivem, por isso é adorada. O cargo de professora, nas obras de Tales de Andrade é o máximo de atividade pública estabelecida para a mulher e mesmo assim é acompanhada de perto pelos pais.O ser professora é um cargo de muito respeito e de extrema relevância na lógica do autor Tales de Andrade.

- **Seria o Homem do Campo, Um Caipira?**

O homem do campo para Tales de Andrade é um homem bom, trabalhador, proprietário de terras, festivo e solidário, mas seria ele um caipira? Seria ele um “Jeca Tatu”?<sup>68</sup>

Essa questão,Tales de Andrade não deixa muito clara no enredo da obra. Ele não emprega em momento algum esses dois adjetivos, no entanto, apresenta-nos um

---

<sup>67</sup> Idem Ibidem, p 75.

<sup>68</sup> Sobre as representações de Jeca Tatu ver: NAXARA, Márcia R. C. *Estrangeiro em Sua Própria Terra*. São Paulo: Ed. Annablume, 1998. Sobre o caipira ver: CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Editora 34, 9ª Edição, 2001.

personagem em especial: Nhô Lau. Homem já com certa idade, muito trabalhador, foi escolhido pelo pai de Mário para morar junto com ele na primeira casa do sítio, na fase da sua construção. Um personagem emblemático, retratado no livro “Saudade”, assim:

*“Pois nhô Lau é um camarada e tanto. Vê-se que é bom, corajoso, trabalhador e amigo da gente. Logo que eu deixe a casa do Pedro Benedito e vá residir na minha, não precisarei escolher os camaradas para saber quem serve para morar comigo. Nhô Lau já está escolhido. Ele é asseado, é amigo das crianças, tanto que passa, às vezes, horas inteiras a contar histórias ao Raul e à Carmen.”<sup>69</sup>*

Amigo das crianças e contador de causos, constitui a postura desse personagem, então, sempre que há um caso é Nhô Lau quem o conta. Ele apresenta os modos mais simples, é o menos polido de todos. Transcrevemos, em seguida, uma canção entoada por Nhô Lau para si mesmo, sem ninguém por perto:

*“Minha barriga está com fome,  
Minha boca quer comer;  
Para pedir tenho vergonha,  
Para furtar não pode ser,  
Como há de ser, como há de ser...  
Fiz chocar a minha galinha  
Debaixo de uma goiabeira:  
Os ovos goraram todos,  
E os pintos...?  
Saíram na carreira.”<sup>70</sup>*

Nhô Lau é um homem simples, correto, trabalhador e honesto. Mesmo não sendo de posses e o mais simples dos homens, tem uma moral forte e íntegra. Ele é um

<sup>69</sup> ANDRADE, Tales. *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974, p. 42.

<sup>70</sup> Idem Ibidem, p 53.

dos personagens mais pitorescos que encontramos na obra de Tales de Andrade. É o agregado, não possui terras, mas é bom trabalhador e de confiança.

Na “Festa de São João” relatada no livro “Saudade”, Nhô Lau recita um poema que é muito expressivo:

*“Era e ... não era!  
Imaginem vanceis;  
Eu andava viajan’o  
Andava corren’o mundo;  
Mas um dia...  
Assim de surpresa,  
Arrecebi uma triste nova:  
Meu pai ia p’ra cova  
E eu ia nasce.  
Aquilo era estúrdio  
Mas que faze!?  
Saí na disparada  
Mas vortei  
Vortei pra trais  
Puis perdi uma capa!  
Uma capa que eu não levava  
Mais valeu...  
Topei c’uma arve de figo  
Carregadinha de pesco maduro;  
Trepei por ela em riba,  
E toca a apanha as maçã!  
Mas veio o dono do feijoá  
E berro:  
Ó Tinhoso!  
Como é que está apanhan’o  
Pimentão, mangarito e buxa,  
No sapezá aieio?”*

*Eu ia arrespondê  
 Mas o marvado  
 Agarro num moio  
 De repoio,  
 E me assento na testa  
 Uh! festa!  
 Me esbandaiô o joeio!”<sup>71</sup>*

Selecionamos o poema nem tanto pelo conteúdo dos versos, mas sim pela forma como estão escritos. O personagem o recita numa linguagem não convencional, ou como se determina, fora da norma culta. Essa forma de falar lembra o jeito tradicional do caipira, falando meio errado e com um “r” muito presente. Todavia, não é uma fala comum desse personagem, trata-se de um poema recitado em uma festa. Ele não emprega esse tipo de variedade sócio-lingüística, indicativa do meio rural no decorrer da trama. Essa é a única vez que ele o faz.

Sem dúvida há elementos que podemos chamar de tradição caipira nas obras de Tales, pois toca-se viola, sanfona, o que só acontece em algumas passagens. Não há o caipira assumido. O próprio pai do personagem Mário, dono da terra, nunca apareceu cantando, dançando ou mesmo recitando nada. Se o caipira existir, o que fica difícil de identificar, é na pessoa do agregado.

Esse homem do campo produz e melhora a vida ao seu redor, ele beneficia o campo, ele dá vida ao campo, diferentemente do “Jeca Tatu” do escritor Monteiro Lobato. O homem do campo de Tales de Andrade não é como o Jeca que “só ele, no meio de tanta vida, não vive...”<sup>72</sup> ele, ao contrário, é o coração do campo, é quem transforma o campo. Não seria possível afirmar que Tales de Andrade não pensava no

---

<sup>71</sup> Idem Ibidem, p 115.

<sup>72</sup> NAXARA, Márcia R. C. *Estrangeiro em Sua Própria Terra*. São Paulo: Ed. Annablume, 1998, p.23.

caipira, mas ele o nega e não o escolhe como figura principal. Mesmo Nhô Lau, personagem que está mais próximo do tipo “caipira”, acaba no decurso da trama, comprando terras e melhorando sua vida e seu *status*.

Para Tales de Andrade ou o caipira não existe, ou ele o nega. O principal homem do campo é o filho do proprietário de terras que vai estudar mais, no caso agronomia, para em se transformando ,posteriormente, transformar o sítio.

- **A Escola Rural**

No transcurso do livro “Saudade”<sup>73</sup> de Tales de Andrade, o personagem Mário conheceu dois tipos de escolas. A primeira foi o “Grupo Escolar” que freqüentou quando ainda morava na cidade, mas vai ser a escola rural, que freqüentou no sítio, que mais vai marcá-lo durante toda sua trajetória. Vejamos como aparece a descrição da escola rural em “Saudade”.

*“ A escola é aí Mário. Cá o Sr. Bertassa, não é careiro.*

*Dá a sala varrida e espanada, todos os dias, e lavada aos sábados, e não cobra nem um vintém de aluguel.*

*-A gente poderia ver a sala? Perguntei.*

*-Pode, respondeu o Bertassa abrindo a porta.*

*Fui o primeiro a entrar, curioso por ver a minha nova escola. Rosinha e eu, na próxima segunda-feira, de acordo com que papai dissera, nela seríamos matriculados. –‘Onde me sentaria?’ Olhei para tudo com interesse. Não era grande a sala. Um, dois, três...dezesseis bancos! Bastavam para trinta e duas crianças, entre meninos e meninas. A escola era mista.*

*Duas lousas, uma sobre o cavalete, e outra pendurada na parede. Achei pouco, habituado, como estava, com as do grupo, que eram enormes.*

*Nas paredes viam-se ainda uma folhinha e dois mapas, - o do Brasil e o do Estado, e um quadro de pesos e medidas.*

*A um canto ficava o armário, com bicos de papel de seda, com pilhas de cadernos, com caixas para os lápis, tudo posto em ordem.”<sup>74</sup>*

O primeiro elemento que observamos nesse fragmento é que não existe uma instituição “escola” no sítio. O prédio é emprestado por gentileza de um comerciante, não há direção escolar, só a professora ministrando aulas. Um segundo elemento é a existência de uma única classe para todas as crianças de um bairro, ou da região, e elas totalizam 32.

Dentro da escola rural, Mário, que tinha vivenciado um outro tipo de escola, a urbana, estranha a falta de estrutura. Não há mesas e carteiras, somente vários bancos. Tudo era mais precário em comparação com a escola da cidade, no entanto, tudo, apesar da simplicidade, estava em ordem. A ordem regula o cotidiano da escola rural, é o que se mostra em:

*“Nisso ouvimos um toque de campainha.*

*-É o primeiro sinal, explicou-me Raul. É para deixar os brinquedos. Ao segundo, forma-se. Ao terceiro é que se entra.*

*-Tal qual como no grupo, respondi.*

*Ouvimos o segundo toque. Não esperei ordens. Entrei na fila ao lado de um menino da minha altura. Rosinha fez o mesmo.*

*Ao terceiro toque entramos.*

*Ainda em pé cantaram. E cantaram como eu não esperava; com voz muito afinadinha.*

*O hino começava assim:*

*‘Nem prisão nem paço nobre*

---

<sup>73</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974

<sup>74</sup> Idem Ibidem, p 63.



*Devem ter nosso louvor;  
Mas o tem a escola pobre,  
Templo de luz e de amor.*<sup>75</sup>

A escola rural é descrita como o lugar de ordem. Todos sabem a ordem dos toques da campainha, o que devem fazer em cada um deles e nada deve ser desrespeitado. A escola é o lugar da regra. É o lugar do controle de conduta. A escola rural pode não ter a estrutura dos grupos escolares da cidade, mas é contada como um lugar com luz e amor. Luz porque traz consigo conhecimentos e educação. Amor porque é feita com dedicação de todos os envolvidos, desde o comerciante que cede o local, os pais que mantêm a escola, os alunos e, principalmente, a professora.

A professora é peça chave nessa escola. Como essa escola tem uma única classe e contém alunos em diversos estágios do aprendizado, a professora acaba separando-os (isso na mesma classe) e atribuindo tarefas diferentes para cada um. Todos os alunos sentem um apreço muito grande pela escola. Gostam de estudar.

Tales de Andrade acaba fazendo em seu livro uma verdadeira apologia à educação rural, lembremos que ele também é professor. A escola é boa e ajuda na constituição do homem do campo. Ao homem do campo não falta educação. Todos sabem ler, todos escrevem, menciona-se o gosto pela leitura de romances pelo pai de Mário. É uma gente simples, a do campo, mas educada e informada.

- **A Exaltação da Pátria**

O tema “pátria” é uma característica das obras de Tales de Andrade. A primeira vez que ela é citada em “Saudade” refere-se a quando o pai de Mário vai comprar as

---

<sup>75</sup> Idem Ibidem, 65-66.

terras, que permitiriam fazer a família do personagem voltar para o campo. O senhor que vende o sítio para a família assim descreve como desejaria fazer o negócio:

*“-Eu tencionava retalhar a propriedade. Ela deveria ser, assim, inteiramente cultivada. Mas ao senhor prefiro vendê-la englobadamente. Sei que a aproveitará o mais que lhe for possível. Não é?”*<sup>76</sup>

O proprietário deseja que a terra seja a princípio retalhada, assim haveria uma maior chance de ser cultivada por inteiro. Esse proprietário é descrito como um homem bom, agradável, rico e que mora na cidade. Essas terras não estavam sendo utilizadas por ele e este deseja vender para que seja cultivada. Esse ponto é muito interessante, ao se vender uma propriedade, quem se desfaz do bem, pouco poder tem em decidir o que se fará futuramente naquele lugar. Aqui não, ele tem esse cuidado, objetiva ajudar a pátria, como podemos observar no diálogo a seguir:

*“Então? Que me diz? Viu as terras? Gostou do bairro? Veio disposto a efetuar a compra?”*

*“-É como eu já lhe disse. Vi as terras, gostei do bairro, não acho o preço exagerado e estaria mesmo disposto a fechar negócio, mas se para tanto bastasse o meu dinheiro.*

*-Olhe seu Raimundo, nesse caso as terras são suas.*

*-Como assim?*

*-O senhor efetua a compra pagando-me a metade ou a terça parte na ocasião, e o resto após um prazo bem largo, cinco anos, por exemplo. Não lhe fica bem?*

*-Aceito. Aceito e agradeço a felicidade que me oferece.*

*-Não tem que agradecer. Saiba que essas terras me couberam por herança e que não pretendo cuidar da lavoura. Achei acertado*

---

<sup>76</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974., p.28.

*auxiliar alguém que pretenda viver dela. Com isso me favoreço, dispondo de uma coisa morta para mim, favoreço-o também, e creio beneficiar a nossa Pátria. Não é nada, mas será sempre uma grande área de terra cultivada, produzindo, enriquecendo o país.*

*-Vejo quanto o doutor é bom e patriota.”<sup>77</sup>*

O proprietário não usa suas terras e as vende porque quer ajudar a pátria, quer fazer um bem maior. Tales de Andrade propõe que o amor e o zelo pela pátria são obrigação de todos, por isso faz essa exaltação. O seu personagem com certeza terá prejuízo com a forma que vendeu as terras ao pai do personagem Mário, mas tudo é válido em favor da pátria. Beneficiar o campo, para Tales de Andrade, seria a melhor forma de um homem ajudar não só seus semelhantes, mas também o Brasil. O Brasil é maior que tudo.<sup>78</sup>

Há uma aproximação do sentido de pátria com o campo, já que produzir o campo é ajudar e respeitar a pátria. O patriota, sob essa ótica, é o homem do campo e a pátria o próprio campo.

Seguindo essa lógica, o pai de Mário fez com o nome do sítio uma homenagem a uma árvore (Congonha) chamando-o de “Congonhal”, e justifica essa escolha como forma de exaltar a pátria - já que o nome “Brasil” também deriva de uma planta nativa – e ao fazer essa escolha ficam todos muitos felizes, pois entendem que, de alguma forma, estão também homenageando o Brasil.<sup>79</sup>

Tales de Andrade, também, acrescenta no livro “Saudade” uma passagem sobre o governo, dizendo como este deve proceder. Nessa passagem, o governo,

---

<sup>77</sup> Idem Ibidem, 32-33.

<sup>78</sup> Sobre o nacionalismo ver: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

gratuitamente, fornece auxílio ao homem do campo. O pai do personagem Mário enuncia essa questão,

*“E quem é que dá presentes assim?”*

*-O Governo.*

*-O Governo! Então o Governo dá presentes? Que governo bom!*

*-Você está admirado? Pois olhe: eu mostrarei como isso é uma coisa muito natural. Olhe Mário: você deve saber que a obrigação dos governantes é fazer tudo quanto seja possível para que as terras prosperem e enriqueçam. Para conseguir tal prosperidade e enriquecimento, buscam todas as maneiras. Ora, uma dessas maneiras consiste em prestar auxílio aos lavradores e criadores. Aqui, meu filho, podemos considerar-nos felizes pelo que os governos vêm fazendo. Fornecem, gratuitamente, mudas de árvores frutíferas, florestais e ornamentais. Remetem sementes selecionadas, de todos os cereais e plantas úteis. Concedem prêmios aos melhores agricultores e criadores. Distribuem publicações em folhetos e livros com ensinamentos sobre plantas e animais. Pagam uma turma de inspetores agrícolas, que percorrem a lavoura, combatendo pragas e modos atrasados de cultura. Não cobram impostos sobre máquinas agrícolas, animais de raça e materiais para adubos. Criam e mantêm escolas superiores de agricultura, aprendizados agrícolas, núcleos coloniais, campos de cultura, campos experimentais, hortos, postos zootécnicos, ensino agrícola ambulante...*

*-Quanta coisa, papai!”<sup>80</sup>*

É dever do governo ajudar a prosperar o campo, fazer tudo para que o campo- um símbolo da pátria- enriqueça e produza. O governo deve promover o incentivo à agricultura, auxiliar nos casos de pragas na lavoura e até fiscalizar o que está

---

<sup>79</sup> Idem Ibidem, 53.

<sup>80</sup> Idem Ibidem, 104-105.

acontecendo no campo. O campo deve ser prioridade para o governo brasileiro, e isso é colocado como obrigação.

Sublinhamos o fato de que Tales de Andrade é um homem do interior paulista, mora e escreve em uma cidade que apóia o governo republicano, encontra-se num estado cuja principal força econômica é a agricultura. Tales de Andrade toma partido ao afirmar que o governo está tomando as medidas necessárias para que o campo produza. O governo republicano, no período do café-com-leite, é definido como um bom governo.

É patriótico, esse governo, ajuda e promove o desenvolvimento rural do Brasil. Um governo que faz o que tem que fazer.

A pátria é citada em “Saudade” num episódio que o exército brasileiro vem visitar o campo para fazer treinos e evoluções.<sup>81</sup> O exército não aparece no enredo como força política ou mesmo em atuação, os soldados são extremamente respeitados. O que nos chama mais a atenção é a forma como os personagens saúdam o exército.

*“-Vivam os defensores do Brasil!*

*-Vivam! gritaram todos num delírio de entusiasmo”<sup>82</sup>*

O exército se constitui como o defensor do Brasil. Ele promove e mantém a ordem e principalmente a soberania do país. Ressaltamos que nesse momento histórico o mundo estava saindo da Primeira Guerra Mundial<sup>83</sup>, e a soberania nacional acabava sendo um tema essencial. Ter um exército forte nesse momento histórico era entendido como uma necessidade primordial.

---

<sup>81</sup> Idem Ibidem, 140.

<sup>82</sup> Idem Ibidem, 141.

<sup>83</sup> Sobre a Primeira Guerra Mundial ver: **HOBBSAWM**, Eric. *Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

A pátria é formada, portanto, pelo exército, pelo governo, pelo campo e pelo homem do campo. É essa a pátria que interessa para Tales de Andrade e da qual faz apologia em seus livros.

Se a pátria é também o campo, é função do homem do campo contribuir. A maneira que Tales de Andrade escolhe para essa contribuição é a própria produção agrícola. O homem do campo é patriota por beneficiar o campo. Circunstancialmente existe uma outra forma de ajudar ainda mais: estudando agronomia para promover e melhorar as condições de produção no campo. Isso fica nítido, nesse trecho:

*“-Mário, disse-me papai, a notícia que li ontem, sobre os agrônomos, formados este ano, trouxe, em parte, modificações no plano que fizemos a respeito de sua carreira. Continuo firme no propósito de fazê-lo homem da lavoura e isso, felizmente, sem lhe contrariar a vocação. Entretanto, lembrando-me de que no Brasil há uma escola superior de ensino agrícola, de valor reconhecido e justo renome, provida de aparelhamento completo, possuidora de mestres competentes, tendo voltadas para ela, continuamente, as vistas do governo, procurada por moços de todos os Estados do nosso País, resolvi que você passe por ela a fim de que seja, futuramente, um agricultor, guia de agricultores, em seu benefício e em benefício dos que cultivam o solo.”<sup>84</sup>*

O estudo de agricultura é apresentado como uma formação importantíssima para a pátria, e o governo se interessa por ela. Mário vai estudar agronomia para futuramente ser “guia de agricultores”. A formação agrícola é apontada como um fator ímpar para o futuro e o desenvolvimento da agricultura. A escola onde Mário vai estudar é a Escola de Agricultura de Piracicaba.

---

<sup>84</sup> Idem Ibidem, 165-166.

- **Mário: o Portador Social de Tales de Andrade em “Saudade”**

Ao abordar o homem do campo, é preciso comentar que o personagem Mário é dentre os personagens criados por Tales de Andrade, o mais representativo. Desde o começo do livro “Saudade” até o fim do livro “Campo e Cidade”<sup>85</sup>, que contam a sua trajetória de vida, Mário sempre está envolvido com o campo. No primeiro livro é do campo que sente saudade e no segundo estuda agronomia para conseguir, futuramente, melhorar a vida e trabalho no campo. Tales de Andrade imprime ao personagem Mário todas as virtudes do homem do campo: gosta da lavoura, cuida muito bem dos animais, ama e é feliz com a vida no sítio. No enredo dos dois livros citados, Mário experimenta tudo o que a vida no campo pode lhe oferecer. É ele que escolhe viver no campo. Ele é o homem ideal para Tales de Andrade.

Se retomarmos alguns aspectos expostos até este momento sobre a “Saudade”, veremos que o personagem Mário é o que mais fica perturbado com a vida na cidade, é ele quem sente enjôo da cidade, ao mesmo tempo, torna-se o mais feliz e realizado ao voltar para o sítio. Nesse viés, entendemos que Tales de Andrade apresenta o personagem Mário como seu *portador social*, Mário é o exemplo de homem a ser espelhado pelas crianças que entram em contato com a leitura de “Saudade”.

Mário não só gosta do sítio como ama a vida campesina, tem respeito pelos animais, é companheiro, educado, honesto, respeita as hierarquias sociais – lembrando que a única vez que desobedeceu seu pai ficou extremamente constrangido e arrependido -, ama e defende a pátria, vibra com a pátria e, o que é crucial para Tales de Andrade, gosta de estudar, quer estudar para melhorar o sítio do pai e percebe a escola como uma instituição essencial.

Nessa configuração, vislumbramos um diálogo de Tales de Andrade com intelectuais do início do século XX no Brasil, em que o tema da educação se fazia latente, à proporção que buscava a construção da nacionalidade e mesmo o combate ao analfabetismo – no caso de Tales de Andrade principalmente o analfabetismo na zona rural – com o intuito de tornar o aluno, indivíduo participante da sociedade. Podemos confirmar esse aspecto da intelectualidade brasileira nas considerações de Botelho:

*“O tema da formação dos portadores sociais da cultura política moderna com a condição da constituição efetiva da nação perpassa grande parte das interpretações do Brasil formuladas por intelectuais de diferentes orientações ideológicas na passagem do século XIX ao XX. Meio de socialização por excelência, ao transformar o indivíduo em membros da sociedade, a educação assumiu o lugar central neste processo devido à capacidade nela entrevista, ...”<sup>86</sup>*

No entanto, a título de contraponto, encontramos em Tales de Andrade uma postura diferente da tomada por Olavo Bilac e Manoel Bonfim no livro “Através do Brasil” publicado em 1910, em que buscavam informar os leitores sobre as diferentes paisagens da geografia brasileira, sobre a história oficial do Brasil e também sobre os costumes e diversidade cultural brasileira, tudo isso com a jornada que seus personagens fizeram pelo Brasil.

Tales de Andrade não objetiva criar um conjunto de elementos para dar conta da amplitude geográfica e cultural brasileira, ele não está preocupado com a coesão do território nacional, mas sim com o homem do campo.

---

<sup>85</sup> O livro “Campo e Cidade” será melhor abordado no terceiro capítulo desse trabalho.

<sup>86</sup> **BOTELHO**. André. *Aprendizado do Brasil*. Campinas: Unicamp2002, p33.



O personagem Mário enfrenta, somente, as experiências e dificuldades do homem do campo em sua relação com a cidade, não há em “Saudade” tipos físicos e culturais distintos. A cultura com a qual Mário se identifica é a cultura e vida rural.

O escritor está preocupado em criar uma identidade rural, de homem do campo. O seu portador social, Mário, não é aquele que informa sobre o Brasil e sua grandeza, como o de “Através do Brasil” de Bilac e Bomfim, ele é mostrado como homem do campo a ser exaltado e identificado.

O desígnio de Tales de Andrade é informar ao seus leitores em idade escolar que a vida no campo é bela, que no campo existem muitas vantagens em comparação com cidade -o campo é um lugar idílico- o homem do campo é um homem realizado, feliz e auxilia a nação, porque produz os alimentos de que o Brasil tanto precisa.

A representação construída pelo autor e apresentada para as crianças via seu romance de formação: é a de um Brasil rural, feliz, produtivo, saudável e, principalmente, torna o homem do campo especial, importante e exemplo de amor à pátria.

Tales de Andrade apresenta “Saudade” como um “dever ser”, ou seja, indica como deve ser a vida do homem, trocando a vida agitada da cidade pela paz do campo, como deve ser a escola, as relações pessoais e as hierarquias sociais e até mesmo como o governo deve agir para promover a nação. A nação deve ser como o homem do campo: feliz, honesto e realizado, como é a vida do personagem Mário.

As motivações que conduzem Tales de Andrade a construir essa representação de Brasil, valorizando a vida rural típica do interior paulista e como essa representação se transforma no transcurso sua carreira literária, será tema do próximo capítulo.

### 3 – De “Saudade” a “Campo e Cidade”

Demonstrar que Tales de Andrade no livro “Saudade”<sup>87</sup> escolhe o campo como lugar para uma vida feliz, que a cidade é apresentada como traiçoeira e perigosa, que o homem do campo mesmo sendo mais rústico, encontra no campo fartura e bem estar, que o homem do campo, mais precisamente o personagem Mário, é o seu portador social, foi o que focamos nos dois primeiros capítulos desse trabalho.

A representação de Brasil de Tales de Andrade em “Saudade” é, portanto, de um Brasil rural, do homem do campo, que deve ser respeitado e seguido como exemplo de amor à pátria, com quem as crianças devam se identificar, concebendo um sentimento nacional. Destarte, por que Tales de Andrade dá o nome de “Saudade” para esse romance?

Uma primeira reflexão tem em vista que Mário além de ser o protagonista, é o narrador da história. Mário já adulto, com saudades da sua família, escreve um livro de memórias, para guardar como recordação. Mário fala de seu passado e é dele que tem saudade. Um outro sentido que podemos atribuir a essa saudade é que aquele campo belo, com realizações, da vida simples e farta, puro, idílico, não existe mais.

Tales de Andrade escreve “Saudade” em um momento histórico de modernização e urbanização intenso das cidades e, como já afirmamos, entende essas transformações como perigo. A volta ao campo seria uma forma de se manter distante dessa modernidade que não pára nem de dia nem à noite, em que as pessoas correm riscos de falência e mesmo de perderem sua moral. No entanto, não há como retroceder, o campo e o homem do campo vão se transformando, por isso o personagem Mário olha

---

<sup>87</sup> **ANDRADE**, Tales . *Saudade*. São Paulo: Editora Nacional, 64ª Edição, 1974.

para traz e relembra o que foi a sua vida no campo. Mário sente saudade daquilo que o campo já não é mais.

Essa é a estratégia da construção da representação de Brasil de Tales de Andrade, fazer as crianças se identificarem com o campo antes que ele desapareça, na tentativa que se crie uma identidade rural nessas crianças leitoras de “Saudade”. Deve-se criar identidade pois o campo já não é mais dessa forma, o campo é uma saudade.

Podemos identificar, dessa forma, que Tales de Andrade está escrevendo “Saudade” em um momento de crise em que o campo começa a dar lugar para uma vida urbana com outros valores. Tales de Andrade, inserido na crise de seu presente histórico, projetando um futuro transformador, volta-se para o passado que tem saudade, volta para a origem do homem do campo como forma de se recuperar a identidade. Essa volta ao passado é transmitida aos seus leitores como forma de se enfrentar esse momento de transformação social.

Tales de Andrade escreve sobre a saudade de um mundo em ruínas, que logo não existirá mais. O homem do campo está ameaçado nesse mundo em transformações e “Saudade” é uma forma de se criar identidade de um mundo passado, idílico, e é ao mesmo tempo, um adeus.

Notamos mudanças na forma como esse autor vai lidar com as questões envolvendo o campo e a cidade ao longo de sua produção literária. Em vista desse fato, analisaremos um outro livro do mesmo autor publicado em 1964, com o título “Campo e Cidade”<sup>88</sup>. Fizemos essa escolha por dois fatores: o primeiro é que como o título sugere, o autor nessa obra novamente aborda as questões centrais presentes no livro “Saudade”, porém 45 anos depois. O segundo critério é o próprio autor Tales de Andrade que nos oferece, apresentando o livro “Campo e Cidade” como continuação

---

<sup>88</sup> ANDRADE, Tales. *Campo e Cidade*. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1ª Edição, 1964..

do livro “Saudade”. Em “Saudade” Tales de Andrade contou a sobre a infância do personagem Mário no sítio. Em “Campo e Cidade” Tales de Andrade escreve como é a vida de Mário quando este adolescente vem estudar na Escola Agrícola de Piracicaba<sup>89</sup> como podemos ver abaixo:

*“Saudade conta a história do meu tempo de menino.  
Campo e Cidade é a história da minha vida juvenil, quando deixei  
“Congonhal” para estudar na Escola Agrícola ‘Luiz de Queiroz’”*<sup>90</sup>

- **Uma Outra Cidade**

Em “Campo e Cidade” Tales de Andrade evidencia a cidade diferenciada da descrita em “Saudade”. Mário ao chegar na cidade de Piracicaba (no livro “Saudade” a cidade não é nomeada, mas identificamos que não é Piracicaba) logo se encanta com as coisas que a cidade pode lhe oferecer como carros, bondes, gente pelas ruas. A cidade pareceu-lhe muito agradável, viverá alguns anos nela devido a seus estudos na Escola de Agronomia.

Diferentemente do que aconteceu em “Saudade”, quando a família do personagem Mário se muda para a cidade e logo na chegada, Mário considera tudo estranho e enjoativo; em “Campo e Cidade” essa impressão altera-se e o personagem se identifica e se sente bem:

*“Fomos ao centro da cidade, dali a três quadras. Observei muita coisa: ótima iluminação, bonito Jardim Público, bonde elétrico, intenso movimento de gente, sendo a maioria de moços e moças.*

---

<sup>89</sup> Atualmente a chama-se ESALQ e se encontra vinculada à USP.

<sup>90</sup> Idem Ibidem, p5.

*Assim, juntei mais essa agradável impressão às que eu tivera da Pensão onde iria morar e das pessoas com as quais iria conviver. Isso foi um alívio à dor sofrida pela ausência daqueles que eu deixei tão longe.*

*Naquela primeira noite, eu deveria estranhar a cama, o quarto, os ruídos da cidade... Isso não me aconteceu. Nem me deitei, adormeci feito uma pedra”.<sup>91</sup>*

Logo em seguida fica claro que o personagem Mário vai utilizar o bonde como meio de transporte na cidade de Piracicaba. Isso é mais um sinal que a concepção de cidade como lugar de perigo ,não está mais sendo utilizada pelo autor Tales de Andrade. Em uma outra passagem o personagem Mário vai dar um passeio pela cidade de Piracicaba e descreve uma cidade bonita, com instituições, com hospitais, escolas e tudo o que uma boa cidade deveria ter.Em contraposição ao que aconteceu em “Saúde” não relaciona as instituições descritas ,como lugares que não poderia ir por questões financeiras ou por não possuir trajes sofisticados. Agora o personagem Mário só contempla e admira:

*“Totó [um motorista de táxi] pôs o veículo em movimento e o fez percorrer ruas largas, direitas e limpas. Seu Alfredo [dono da pensão que Mário iria morar] mostrou-nos lindos jardins, belas igrejas, Câmara Municipal, Estação da Estrada de Ferro Sorocabana, Mercado, Teatro, Cinemas, Fórum, redações de jornais diários, oficinas importantes, grandes fábricas, cerâmicas, destilarias, usinas, uma série de instituições de assistência, socorro e caridade, outra série de grêmios, clubes, sociedades... E escolas, mais escolas, tantas escolas, que escolas!*

*Para tudo tivemos palavras de admiração e de elogios.”<sup>92</sup>*

---

<sup>91</sup> Idem Ibidem, p37.

<sup>92</sup> Idem Ibidem, p 47.

Piracicaba, para Tales de Andrade, passa a ser exemplo de cidade, pois é urbana, possui e conserva belezas naturais e lhe possibilita prestar serviço à pátria, porque possui a Escola de Agronomia que serve para formação de mão-de-obra qualificada para o campo, é o que se identifica em:

*“É o Parque da Escola.*

*Levantei-me. Curiosamente, procurei ver a ambiciosa Escola Agrícola. Adivinhando o que eu queria, seu Alfredo anunciou:*

*-Lá, Mário.*

*-Majestosa! exclamei, avistando-a de relance e à distância.*

*Adiante, a medida que o bonde avançava, ela deixara de aparecer, encoberta por maciços de árvores. Porém, ao fim da linha, dali a instantes, logo que descemos e caminhamos um pouco, pude vê-la. Encontrei-me ante o monumental edifício. Contemplei-a, de baixo para cima. Lembrei-me de palácios e castelos das histórias maravilhosas. Extasiei-me. Arrebatadamente, eu me antevi aluno. E me antevi AGRÔNOMO.”<sup>93</sup>*

A Escola Agrícola é pomposa, pois a sua função é nobre: preparar os futuros patriotas, que assumirão a tarefa de melhorar e desenvolver o campo. Observamos Mário cheio de entusiasmo não só com o parque da escola, como também com o seu propósito.

Não é só a fachada que é retratada como grandiosa, mas todo o seu conjunto e, principalmente, a sua produção de conhecimentos em prol do campo. Vejamos a seguir uma passagem em que o personagem Mário junto com seu pai visitam e conhecem as atividades da escola:

*“Mostrou-nos vários compartimentos anexos ao Saguão. Conduziu-nos por um corredor comprido que, nas extremidades, dava para amplas salas onde havia Museu e um Laboratório. Ladeando o corredor encontramos salas para aulas teóricas e práticas. Vimos, em classes, Catedráticos explicando. Também vimos, em laboratórios, alunos praticando.*

*-Que salas! pensei, comparando-as à da minha escola em “Capão Bonito”.*

*-Que laboratórios e gabinetes! admirou-se papai.*

*-São providos de instalações adequadas, aparelhagem completa, maquinaria... explicou o fiscal. Possuem serviços de água, eletricidade, gás e vapor. Dispõem de alambiques, retortas, fornos, fogões, balanças, estufas, frascos, tubos, provetes...”*

*E continua...*

*“-Realizam-se, aqui, sessões da Escola, congressos científicos, recepções extraordinárias... E também as solenes cerimônias de colação de grau dos Agrônomos.”<sup>94</sup>*

A Escola Agrícola é a escola dos agricultores por excelência. Ela possui e desenvolve o conhecimento científico que falta ao campo. Sua estrutura é símbolo de desenvolvimento. O campo, como já tratamos, é o lugar escolhido por Tales de Andrade como lugar ideal para a vida do homem, mas lá não há essa ciência desenvolvida na Escola Agrícola. O campo é saudável, mas lhe falta técnica e conhecimento. A Escola Agrícola é campo, pois seu terreno é uma fazenda, mas está produzindo conhecimentos científicos. A Escola Agrícola denota a possibilidade da junção do conhecimento científico com o trabalho prático, e por vezes manual, do campo.

Há ainda que salientarmos que a cidade de Piracicaba é representada como um lugar harmônico. Na descrição da cidade feita em “Campo e Cidade” podemos observar

---

<sup>93</sup> Idem Ibidem p. 38.

<sup>94</sup> Idem Ibidem, 41-42.

que possui casarões, ruas, avenidas, carros, bonde, diversas escolas, além, é claro, da Escola Agrícola, ao mesmo tempo, é descrita como uma cidade que possui muitas áreas rurais. Vejamos a passagem a seguir:

*“E fêz-nos galgar, em sua companhia, os degraus da escada do patamar do mirante, como pináculo, ali existente.*

*A nossos olhos fascinados descortinou-se a cidade inteira. Ela nos apareceu em atraente panorama, toda rodeada de mimosas chácaras, seguidas por mirífica paisagem – sítios, fazendas, culturas várias, infindos canaviais, campos, matos...*

*Ficamos empolgados por essa visão de encantos. Após minutos de silêncio, papai estendeu os braços à cidade, chamando-a:*

*-PIRACICABA!”*<sup>95</sup>

Piracicaba, como a Escola Agrícola, somam a característica de conciliar o campo e sua cultura com a vida urbana. É campo e cidade ao mesmo tempo. Ela consegue unir esses dois universos em uma única cidade. Disso, decorre que a cidade de Piracicaba conseguirá harmonizar a tensão que há entre o campo e cidade, que apresentamos no primeiro capítulo desse trabalho.

Piracicaba não é agitada, não é barulhenta, apesar de possuir carros, bondes etc. Ela é tranqüila, mas é tranqüila porque também é campo e o mantém próximo.

Se a Escola Agrícola é símbolo porque reúne a técnica e o trabalho prático do campo, Piracicaba se torna símbolo de cidade, pois harmoniza as tensões entre o campo e a cidade. Piracicaba é campo e cidade ao mesmo tempo. Um exemplo dessa harmonia pode ser observada em uma passagem do livro “Campo e Cidade” em que os personagens abordam as contribuições do campo e da cidade. O campo fornece à cidade

---

<sup>95</sup> Idem Ibidem, 49.



uma quantidade muito grande de produtos alimentícios<sup>96</sup> (frangos, ovos, feijões, arroz, batatas, algodão etc) e o campo recebe de contribuição da cidade os produtos industrializados (chumbo, fósforo, querosene, ferramentas etc). Há uma convivência intensa entre o campo e a cidade em Piracicaba. Existe uma interdependência, um não consegue viver sem o outro. As passagens a seguir estão relacionadas ao estudo de campo que Mário executa como preparação para o ingresso na Escola de Agronomia. Mário, com outros alunos deveriam observar quais produtos industrializados a cidade fornece para o campo e quais os produtos alimentícios e ou rurais o campo fornece para a cidade. Sobre a contribuição do campo:

*“Atenção! Olhem. Vem vindo o primeiro veículo em direção à cidade.*

*Era uma carroça. O fiscal deu sinal ao carroceiro para parar e perguntou-lhe:*

- *Qual é a carga?*
- *Frangos, marrecos, perus e ovos.*
- *Pode seguir, ordenou-lhe.*

*Reparou que tomamos apontamentos*

Logo em depois, repetiu-se a cena. E, sucessivamente, por horas, continuou a repetir-se. Vimos carrinhos, carros, carroças e carroções, todos cheios, abarrotados, atonetados. Transportavam caixas, sacos, fardos, feixes, engradados, jacás... conduzindo café, arroz, feijão, milho, batatas, algodão, amendoim, cebola, alho, frutas, leite, legumes... Conduziam madeira, postes, achas, lenha, carvão, capim...<sup>97</sup>

*E a contribuição da cidade:*

---

<sup>96</sup> Idem Ibidem, 88.

<sup>97</sup> Idem Ibidem, p 88-89.

“ – Atenção, estudantes! Aí vem a primeira condução para o campo.

Era uma carroça e parou por ordem dada ao carroceiro.

O fiscal indagou:

- Transporta o quê?
- Sal, fósforo, querosene, chumbo, espoletas, anzóis, linhas...
- Obrigado. Pode ir indo.

Em seguida e por muitas vezes, repetiu-se a mesma cena. Vimos inúmeros veículos rumo ao campo. Observamos e anotamos a infinidade de suas cargas. Eram produtos oriundos da Indústria – tecidos, sacos vazios, arados, machados, foices, enxadas, encerados, utensílios e objetos de ferro, zinco, alumínio, vidro, louça... Eram medicamentos, adubos, massas alimentícias...”<sup>98</sup>

Em um diálogo que o personagem Mário desenrola com dois outros amigos, se indagam o que de campo há na cidade e o que de cidade há no campo. O campo nessa discussão dos personagens está na cidade na medida que praças e ruas são arborizadas, as casas possuem flores, vasos, gramados ou mesmo quando as pessoas acabam criando algumas galinhas e patos nos seus quintais. Destacamos o diálogo, em questão:

*“Conversávamos sobre produções rurais e urbanas.*

- *Acho que o ‘campo’ está ‘cidade’ em muitas coisas, falei.*
- *Em que coisas? perguntou-me o José Eduardo.*
- *E de que modo? quis saber o José Rafael.*
- *Nas árvores das ruas, avenidas e praças, respondi. Em cercas vivas, gramados, alamedas de bambus e de palmeiras, pérgolas...*
- *Nesse caso, também em jardinzinhos à frente dos prédios, em linda trepadeiras cobrindo grades e muros, em vasos de folhagens e flôres nos peitoris de janelas e nos terraços, acrescentou o José Eduardo.*
- *Em criações de galinhas, patos, pombas, perus, cabras..., acrescentei.*

- *Em hortaliças e árvores de frutas, pelos quintais. Em pomares, hortas, pequenos pastos, estábulos, aviários e apiários, por fora e contornando o casario, lembrou o José Rafael”.*

E acrescentam:

- *“ – Que seria do Rio de Janeiro sem a Praça da República, o Passeio Público, a Quinta da Boa Vista, o Jardim Botânico, a Tijuca?...perguntou José Eduardo.*
- *Que seria de São Paulo sem o Jardim da Luz, o Vale do Anhangabaú, o Parque da Ipiranga, o Hôrto Florestal?... secundou-o José Rafael.*
- *Seriam como “flor sem ramo”, falei.<sup>99</sup>*

O fato de citarem as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro é bastante significativo, pois em 1964 já se encontravam com grande desenvolvimento urbano e industrial e mesmo assim o campo se fazia presente. Ser uma cidade desenvolvida com forte urbanização e industrialização sem um pouco do que a vida no campo pode oferecer seria como uma “flor sem ramo”, seria uma grande potência, mas sem a ligação com a terra, com a boa vida.

O mesmo se aplica ao campo. De nada adianta o campo ser saudável, pacificador, farto de alimentos, se não existir nele as comodidades e as boas coisas da cidade. O campo seria como “ramo sem flor”, seria completamente puro, mas sem conforto, e nesse caso perderia o melhor da “flor”, como podemos ver na passagem a seguir.

*“- A cidade, em muitas coisas, deve estar no campo, falei  
[Mário]:*

- *Em que coisas? perguntou-me José Rafael.*
- *De que modo? indagou o José Eduardo.*

---

<sup>98</sup> Idem Ibidem, p 89-90.

<sup>99</sup> Idem Ibidem, p 90-91.

- *Em casas de moradias confortáveis e bonitas. Casas essas com todos os aposentos. Casas servidas de encanamento de água potável e de instalações sanitárias, elétricas e telefônicas, respondi.*
- *Com mobília completa, utensílios e objetos para todos os cômodos, desde o terraço até a cozinha, redargüiu o José Rafael.*
- *Portanto, com louça, cristais, talheres, rouparia de cama, mesa e banheiro. Com livros, revistas, jornais, medicamentos, estoque de sal, fósforo, querosene... acrescentou o José Eduardo.*
- *Casas contendo todos os meios de transporte, por animais e veículos. Possuindo comunicação à cidade, por vias em condições de trânsito seguro, rápido e fácil, a qualquer hora e em qualquer tempo. Pois não podendo achar-se junto ou perto de consultórios médicos, farmácias, hospitais, cartórios... a gente do campo precisa ter pronto acesso a tudo isso. Entendem?*
- *Sim, Mário. O que há de bom na cidade e possa, também, existir no campo, nele deve existir. E o que for impossível, deve estar ao seu fácil alcance, ponderou o José Eduardo.*
- *Quanto mais as boas coisas da cidade estiverem no campo e ao alcance de sua gente, tanto melhor! Pois, sem elas o campo é como ramo sem flor.”<sup>100</sup>.*

Notamos aqui um deslocamento nas posições de Tales de Andrade em relação ao campo, segundo suas colocações anteriores em “Saudade” a cidade era o lugar do perigo, de gente “trampolineira”, do insucesso e do fracasso. A modernidade vinha como um desafio e o homem deveria voltar para o campo e lá viver na simplicidade. Agora não, quanto mais coisas a cidade fornecer ao campo, tanto melhor.

Em “Saudade” até a luz elétrica era perigosa, não permitia a noite chegar e fornecer o merecido descanso aos trabalhadores, já em “Campo e Cidade” a eletricidade deve ir ao campo para lhe proporcionar mais conforto. Os carros que esmagavam crianças e espalhavam poeira torna-se em “Campo e Cidade” um meio de transporte

útil, rápido e seguro a qualquer hora. O problema com doenças que quase não existia no campo, é sanado pela cidade. A cidade passa a curar os homens. Os móveis com os quais o personagem Mário tinha que tomar cuidado pois eram polidos e ele não, passam a ser levados para o campo e postos em todos os cômodos.

De “Saudade” para “Campo e Cidade” Tales de Andrade promove uma mudança radical na concepção da relação campo e cidade. A cidade não é mais o lugar dos perigos da modernidade nem o campo é retratado como um lugar idílico. Campo e cidade podem coexistir em harmonia, o campo completa a cidade e a cidade leva conforto ao campo.

Nesse cenário identificamos, mais uma vez, que sobre a cidade de Piracicaba recai uma importância muito forte, pois é com a experiência que o personagem Mário tem nessa cidade que ele manifesta essa nova reformulação. Piracicaba é que tem o campo dentro da cidade e a cidade integrada ao campo e se em “Saudade” o campo era o lugar escolhido para se viver, em “Campo e Cidade” esse lugar pode ser tanto o campo como a cidade, e mais, pode ser Piracicaba que tão bem soube se harmonizar.

Parece-nos evidente que Tales de Andrade aponta uma superação do campo, e mesmo da cidade, já que esses dois ambientes permitiriam um viver saudável e feliz, porém, agora, não há mais a possibilidade de qualquer tipo de isolamento, já que campo e cidade se encontram interdependentes. Mas o que acontece com o homem do campo, ele também passa por algum tipo de superação?

- **O Homem do Campo em “Campo e Cidade”**

Do mesmo modo que a cidade e o campo passam por transformações, o homem do campo também se modifica e torna-se mais influenciado e integrado com as coisas modernas.

---

<sup>100</sup> Idem Ibidem, p 92-93.

Podemos ver essa transformação no diálogo entre Mário, de férias, volta para o sítio com seu pai na estação de trem. Mário observa que não há na sua chegada nenhuma carroça ou trole, como costumava ser a condução dos seus familiares do sítio, depara-se com um automóvel, vejamos:

*“Então, olhando para papai, falei:*

*-É seu o automóvel? É guiado pelo senhor?*

*-Sim Mário.*

*Vibre de entusiasmo, exclamando:*

*-Magnífico melhoramento! Extraordinária comodidade!*

*Valiosa conquista!*

*-Sem dúvida, meu filho. E vale, nesta ocasião, para comemorar o seu triunfo escolar.*

*-Venturosa comemoração, papai!”<sup>101</sup>*

Valiosa conquista, há agora mais conforto e comodidade para os homens do campo. O campo pode e deve se servir das comodidades e inventos do seu tempo. É previsto um progresso para o campo e para o homem do campo, pois este último deve adquirir novos hábitos, deve estudar, estar preparado para as novidades.

Do mesmo modo que o campo e a cidade estão integrados, assim também acontece com os homens do campo e da cidade. O personagem Mário ao debater com um de seus colegas, assim relata:

*“Mudei de idéia. Refleti e voltei atrás. Agora creio serem as festas populares e as diversões públicas da cidade, também para os campezinos. Em igrejas, praças, teatros, estádios, circos... há habitantes das cidades e dos campos. Uns e outros tomam partes em desfiles, procissões, paradas... Irmanam-se em festividades e comemorações: Carnaval, Semana Santa, Dia do Trabalho, Dia da*

---

<sup>101</sup> Idem Ibidem, 181.

*Independência, Dia do Soldado, Dia dos Mortos, Dia de Natal... Por outra parte, na região rural, em festas campestres: de São João, colheita, rodeio, mutirão... os citadinos também participam.*

- *É certo Mário.*

*Animado continuei:*

- *Iluminação elétrica, prédios luxuosos, vitrinas pomposas, movimento intenso nas ruas... fazem a cidade deslumbrar. Paisagens, plantações em flor ou cacheadas, pastagens cheias de gado... fazem o campo encantar. A cidade alegra pelos repiques dos sinos, pelos toques de bandas musicais, pelos apitos das máquinas... O campo eleva pelo gorjeio dos passarinhos, pelo trilhar das cigarras, pelas cantigas dos roceiros... Cidade e campo têm mil riquezas e belezas que deslumbram, encantam, alegram e elevam. Gente da cidade e do campo compartilham dos mesmos bens. Essa é, agora, a minha opinião. Qual é a sua?*
- *A mesmíssima. TUDO É PARA TODOS!”<sup>102</sup>*

As festas do campo que eram o que dava unidade e identidade à vizinhança campesina, em “Campo e Cidade” é freqüentada pelos homens da cidade, e os clubes e teatros que em “Saudade” apareciam como elemento de distinção social, e que a família do personagem Mário nem roupa tinha para freqüentar, tornaram-se também acessíveis para o homem do campo, que se interessa em freqüentar esse tipo de ambiente, integrando-se ao conjunto da população da cidade.

Gostaríamos de chamar a atenção para o personagem do pai de Mário. Em “Saudade” como já relatamos, quando este vivia na cidade era muito pouco produtivo, era uma figura acanhada, sem brilho, sem perspectiva, porém quando este retorna para o campo torna-se líder e empreendedor. Em “Campo e Cidade” as características desse personagem sofrerão alterações em direção à modernidade. Primeiramente, ele compra

---

<sup>102</sup> Idem Ibidem, p 103-104.

um carro que é entendido pelo personagem Mário como um “magnífico melhoramento”, segundo que em “Campo e Cidade” ele dirige e se apresenta muito integrado a esse tipo de tecnologia, vejamos a passagem a seguir:

*“Tomando o carro, papai ordenou-nos:*

- *Embarquem. Você, Mário, vai ao meu lado. Nhô Lau e Silvano vão noutra banco.*  
*Nós o atendemos e ele, com rapidez e firmeza, fêz rodar o admirável automóvel. Num instante, alcançamos a estrada.*
- *Muitas vezes pensei no benefício sem conta que seria o senhor possuir e dirigir um veículo dêsses, confessei a papai. Mas nunca pensei em tão boa coisa possível, agora.*
- *Certamente você também não pensou que nos seria possível, agora, comprar um terço da mataria pegada ao ‘Congonhal’.”*<sup>103</sup>

O pai do personagem Mário se integra cada vez mais ao mundo moderno porque que além de dirigir um carro, trazendo comodidade e velocidade para a sua vida, ainda consegue prosperar ao ponto de ampliar as suas posses, comprando mais terras para serem produzidas, tendo em breve, a seu dispor, um agrônomo: o personagem Mário.

O personagem Mário é retratado por Tales de Andrade em “Campo e Cidade” ainda como exemplo a ser seguido pelas crianças-leitoras , ele ainda é o personagem que por mais experiências passa. Chega até a atribuir ao personagem uma certa consciência preservacionista sobre as matas e dos símbolos do campo <sup>104</sup> quando este replanta uma árvore que tinha sido derrubada por um raio.

A imagem do agrônomo, no entanto, em “Campo e Cidade” se sobrepõe à do homem rural. Não é mais o homem de vida simples e sem pretensão de lucro que está sendo valorizado por Tales de Andrade, mas sim a do agrônomo, que sabe se relacionar com a vida moderna, com a cidade, que vive no campo, mas está atento às novidades e



comodidades da cidade, que estuda para aumentar e ampliar seus conhecimentos sobre a produção no campo. O homem do campo, portanto, está superado em “Campo e Cidade”.

- **Representação de Brasil em “Campo e Cidade”**

Como já expusemos tanto o campo como o homem do campo se encontram em “Campo e Cidade” em uma posição de superação ,frente ao que Tales de Andrade elaborou no livro “Saudade”. O homem do campo e o campo estão, agora, vinculados à cidade em uma relação de interdependência.

Se no livro “Saudade” o homem do campo entrava em crise provocada pelo advento da modernidade, transformando as relações pessoais e levando uma nova concepção de vida urbana, em “Campo e Cidade” essa crise não existe mais. A modernidade já se incorporou à vida do homem e ao campo. O carro não levanta mais poeira e não é mais tão perigoso, pelo contrário, torna-se um melhoramento importante, diminuindo as distâncias e tornando as viagens confortáveis.

O mesmo podemos dizer da falta de eletricidade pois em “Saudade” Tales de Andrade coloca a sua falta como elemento de união familiar, já que sem grandes recursos de iluminação o homem ficava mais próximo da mulher e dos filhos. Essa situação em “Campo e Cidade” se altera e a eletricidade é um avanço e uma comodidade importante.

Ao contrário do que acontecia em “Saudade”, Tales de Andrade não usa o campo como um refúgio, um “esconderijo” do homem do campo contra a modernidade; em “Campo e Cidade” o homem não precisa se esconder, não precisa buscar a pureza, a

---

<sup>103</sup> Idem Ibidem, p 181.  
Idem Ibidem, p 173-174.

saúde e o bem estar no campo, ele pode encontrar esses elementos na cidade. O campo e a cidade estão em harmonia, o que afasta qualquer possibilidade de crise.

Nesse sentido a representação de Brasil de Tales de Andrade em “Campo e Cidade” passa pela formulação de uma harmonia social entre o mundo urbano e o mundo rural, e a saída harmônica para a sociedade, dos anos 60, é harmonizar o campo e a cidade integrando-os.

Piracicaba passa a ter um papel fundamental dentro dessa nova formulação da representação de Tales de Andrade, pois é nela que o personagem Mário vai viver essa experiência harmônica, é onde Mário vai perceber que mesmo tendo carros, bondes, aglomerações, a cidade pode ser um lugar bom para se viver.

Comunga com o pensamento de que muitos elementos dessa cidade podem e devem ser levados até o campo para que lá se possa viver melhor, e que existem muitos elementos do campo na cidade. A cidade de Piracicaba é que vai dar vida à essa reformulação, pois é campo e cidade ao mesmo tempo, possui o verde, as árvores e as plantações próprias do campo integrados com a vida urbana representada pela eletricidade, carros, telefones, bondes e, principalmente, pela Escola Agrícola.

A cidade de Piracicaba, segundo essa representação de Tales de Andrade, só consegue essa harmonia social entre o campo e a cidade, porque possui uma escola de agricultura que lhe fornece meios técnicos para essa integração, fornece novas experiências e soluções para uma cidade se modernizar sem perder a sua origem campesina.

A Escola Agrícola faz com que Piracicaba não deixe de ser campo transformando-se em uma cidade feia e perigosa, como a relatada em “Saudade”, mas sim em uma cidade bonita, organizada, possuindo belezas naturais, campo e cidade, trazendo harmonia e bem viver para seus habitantes.

Piracicaba ,também vai ser importante para a melhora da pátria, pois com a Escola Agrícola, forma agricultores aptos a transformarem o campo em um lugar mais produtivo, como também em transformarem as cidades em lugares melhores. Os agrônomos possuem uma missão patriótica de levar a harmonia conquistada por Piracicaba para o resto do país.

Se Piracicaba é o grande exemplo de harmonia social a ser seguido pelo resto do país, notamos mais um deslocamento em relação à “Saudade” no que diz respeito a idéia de “portador social”. Em “Saudade” o personagem Mário era o portador social porque ele era o exemplo a ser seguido pelos alunos que entrassem em contato com o livro “Saudade”, ele era a personificação do homem feliz, honrado e exemplo para a pátria. Em “Campo e Cidade” a idéia de portador social se modifica, porque as características do personagem também são modificadas, agora ele não é o portador social porque ama o sítio, ama os animais e a vida simples e rústica do campo, mas sim porque foi a Piracicaba em busca de uma experiência harmônica e, igualmente, se formar em agronomia. Mário vai a Piracicaba para se transformar, voltar para o sítio e também transformá-lo. Mário é um novo portador social não porque gosta do sítio, mas sim porque carrega consigo a experiência bem sucedida de uma cidade que conquistou o equilíbrio entre o campo e a cidade.

Agora Mário é um exemplo para toda a nação brasileira, pois possui uma experiência de transformação da sociedade em algo agradável e não mais só um exemplo de vida e de escolha da vida do campo.

Tales com essa representação quer transmitir aos seus leitores que é possível conviver em harmonia,e para isso o Brasil deve formar mais agrônomos e fazer uma melhor integração entre o campo e cidade, em outras palavras, o Brasil, segundo Tales de Andrade, deve se espelhar em Piracicaba para ser também um país harmônico.

## Considerações Finais

No percurso deste trabalho tentamos apresentar os principais elementos constituintes da obra do escritor Tales de Andrade e como este construiu suas representações de Brasil em dois diferentes momentos históricos. Em “Saudade” a representação é de um Brasil rural, idílico, que permitiria ao homem do campo uma vida pacífica se esse deixasse a cidade e permanecesse no campo. No livro “Campo e Cidade”, por sua vez, Tales de Andrade constrói a representação de um Brasil que pode ser harmônico através da interdependência entre o campo e a cidade, e apresenta como modelo dessa harmonia a experiência da cidade de Piracicaba.

Também buscamos demonstrar que Tales de Andrade nos dois livros abordados, elege o personagem Mário como seu “portador social” sendo que em “Saudade” é porque este serve de exemplo de homem, que se identifica com o campo e o ama, e no caso de “Campo e Cidade” é exemplo porque procurou se integrar ao mundo moderno e de homem rural se transformou em agricultor.

As duas representações de Brasil, mesmo estando distantes no tempo (“Saudade” publicada em 1919 e “Campo e Cidade” em 1964), têm como objetivo principal informar as crianças em idade escolar de um projeto que procura num primeiro momento a defesa do homem do campo e da vida rural e posteriormente sua preservação, na medida que se integra à vida urbana e moderna.

Gostaríamos, também, de manifestar que estamos cientes dos limites de nossa pesquisa, já que utilizamos duas obras escritas em momentos distintos da carreira do escritor Tales de Andrade e do contexto histórico brasileiro, respectivamente 1919 e 1964, e que não analisamos o percurso literário e intelectual de Tales de Andrade durante o período entre a publicação das duas obras.

No entanto, acreditamos que com nosso estudo podemos afirmar que Tales de Andrade redireciona o modo com que se relaciona e se identifica com o campo.

No percurso de sua carreira intelectual mudou a forma com que pensava integrar o homem ao mundo moderno, como da mesma forma, superou uma crise de identidade a qual o homem do campo enfrentava no início do século XX.

Longe de qualquer pretensão conclusiva, nosso trabalho apontou algumas discussões presentes na obra de Tales de Andrade, principalmente as que envolvem a relação campo e cidade.

É sabido que outras discussões são pertinentes para entendermos o conjunto da obra de Tales de Andrade, porém, não nos foi possível realizá-las nessa dissertação.

Um primeiro problema que levantamos está relacionado com a própria carreira literária de Tales de Andrade. Se Tales de Andrade modifica a forma de se relacionar com o homem do campo e passa de uma posição defensiva para a sua integração à vida urbana, como isso se apresenta no conjunto de sua obra.

Outra discussão em aberto, é se somente em 1964 Tales de Andrade muda de postura ou essa mudança é processual no decorrer da sua obra? Nos contos sobre História do Brasil e mesmo nas cartilhas de alfabetização as representações de Brasil contidas em “Saudade” e “Campo e Cidade” também são encontradas?

Nesse trabalho depreendemos que Tales de Andrade entende a educação como elemento importante da constituição da nação brasileira, pois é através dela que ele busca transmitir suas representações de Brasil. Isso nos faz vislumbrar uma aproximação de Tales de Andrade com os ideais iluministas, e para tal pensamos uma comparação da vida do personagem Mário com a obra “Emílio” de Rousseau.<sup>105</sup>

---

<sup>105</sup> ROUSSEAU. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo, Difel, 2ª Edição, 1973.

Uma outra questão seria se à obra de Tales de Andrade vincularia suas representações de Brasil com a concepção de “Homem Cordial”<sup>106</sup> desenvolvida pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda. Seria o personagem Mário um “homem cordial”?

Esses são os pontos que não conseguimos desenvolver em nossa pesquisa inicial, e que são possibilidades, posteriormente, para estudos mais avançados.

---

<sup>106</sup> **HOLANDA**. Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 3ª Edição, 1997.

## BIBLIOGRAFIA

**ANDRADE**, Tales Castanho. *Saudade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 64ª Edição, 1974.

\_\_\_\_\_, Thales Castanho. *A Filha da Floresta* – Coleção Encanto e Verdade. Prefeitura do Município de Piracicaba/Secretaria de Ação Cultural, 1998.

\_\_\_\_\_. *El Rei Dom Sapo* – Coleção Encanto e Verdade. Piracicaba: Editora Melhoramentos/Editora Unimep, 1999

\_\_\_\_\_. *Fim do Mundo*–Coleção Encanto e Verdade. Piracicaba:Ed. Melhoramentos, 2000.

\_\_\_\_\_. *Campo e Cidade*. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1ª Edição, 1964.

\_\_\_\_\_. *Itai – O menino da selva*. Cia Editora Nacional. 1956.

\_\_\_\_\_. *O Mistérios das Cores*. Coleção Encanto e Verdade, Editora Melhoramentos, S/d.

\_\_\_\_\_. *O Sono do Monstro*. Coleção Encanto e Verdade, Editora Melhoramentos, S/d.

\_\_\_\_\_. *O Capitão Feliz*. Coleção Encanto e Verdade, Editora Melhoramentos, S/d.

**ARROYO**, Leonardo. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1968,

**BILAC**, Maria B. B. & **TERCI**, Eliana Tadeu. *Piracicaba – De Centro Policultor a Centro Canavieiro (1930-1950)*. Piracicaba: Unimep, 2001.

**BOTELHO**, André. *Aprendizado do Brasil*. Campinas: Unicamp, 2002.

**CANDIDO**, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Editora 34, 9ª Edição, 2001,

**CAPELATO**, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo – Imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

**CARONE**, Edgar. *A República Velha – Instituições e Classes Sociais*. 4 ed. São Paulo: Difel, 1971.

**CARVALHO**, José Murilo. *Os Bestializados*. São Paulo: Cia das Letras, 3ª Edição. 2004.

**CARVALHO**, José Murilo. *A Formação das Almas*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

**CAULFIELD**, Sueann. *Em Defesa da Honra: Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Unicamp, 200.

**CHALHOUB**, Sidney. Trabalho, *Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: Unicamp, 2001.

**CHARTIER**, Roger. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

**CHAUÍ**, Marilena. Brasil: *Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 200.

**CUNHA**, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Abril, 1991.

**D'ARAUJO**, Maria Celina. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

**DECCA**, Edgar de. 1930, *O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

**ECO**, Umberto. *Como se Faz uma Tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

**ELIAS**, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. Volumes 1 e 2.

\_\_\_\_\_. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.



**FRANCO**, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Ática, 1974

**GEBARA**, Ademir. *O Mercado de Trabalho Livre no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

**GEBARA**, Ademir. *Conversas Sobre Norbert Elias*. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2005.

**HAZARD**, Paul. *O Pensamento Europeu no Século XVIII*. São Paulo: Martins Fontes.

**HOBBSAWM**, Eric. *Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

**HOLANDA**. Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 3º Edição, 1997.

**LAJOLO**, Marisa & **ZILBERMAN**, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias*. São Paulo, Ática, 1991.

**MAAS**. V. P. *O Cânone Mínimo*. São Paulo: Unesp, 2000.

**MAZZARI**. M. V. *Romance de Formação em Perspectiva Histórica*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

**MENNUCCI**, Sud. *Aspecto Piracicabano do Ensino Rural*. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1934.

**MOOG**, Viana. *Bandeirantes e Pioneiros paralelos entre duas culturas*. 3ª edição, Porto Alegre: Editora Globo, 1991.

**NAXARA**. Márcia R. C. *Estrangeiro em Sua Própria Terra*. São Paulo: Ed. Annablume, 1998.

**NAXARA**. Márcia R. C. *Cientificismo e Sensibilidade Romântica*. Brasília: Editora UnB 2004.

**NETTO**, Cecílio Elias. *Almanaque 2000 – Memorial de Piracicaba Século XX*. Piracicaba: IHGP/Jornal de Piracicaba/ Unimep, 2000.

**OLIVEIRA**, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

**PERECIN**, Marly T. G. *A Síntese Urbana (1822-1930)*. Piraciaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1989.

\_\_\_\_\_, *Os Passos do Saber – A Escola Prática Agrícola Luiz de Queiroz*. São Paulo Edusp, 2004.

**QUEIROZ**. M. i. P. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973

**ROMANELLI**. Otaíza de, *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes. 28ª Edição, 2003.

**ROUSSEAU**. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo, Difel, 2ª Edição, 1973

**SALIBA**, Elias T. *Raízes do Riso*, São Paulo Cia das Letras, 2002.

**CSHWARZ**, Roberto. *Ao Vencedor As Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 5ª Edição, 2000.

**SEVCENKO**, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Cia das Letras, 2ª Edição. 2003.

**SILVA**, Fernando Teixeira et al (org.) *República Liberalismo e Cidadania*. Piraciaba: Unimep, 2003.

**TERCI**, Eliana Tadeu. *A Cidade na Primeira República: Imprensa Política e Poder em Piracicaba*. Tese (doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 1997.

**TERCI**, Eliana Tadeu (org.). *O Desenvolvimento de Piraciaba –Histórias e Perspectivas*. Piracicaba: Unimep, 2001.

**WILLIAMS**, Raymond. *O Campo e a Cidade*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

## ILUSTRAÇÕES

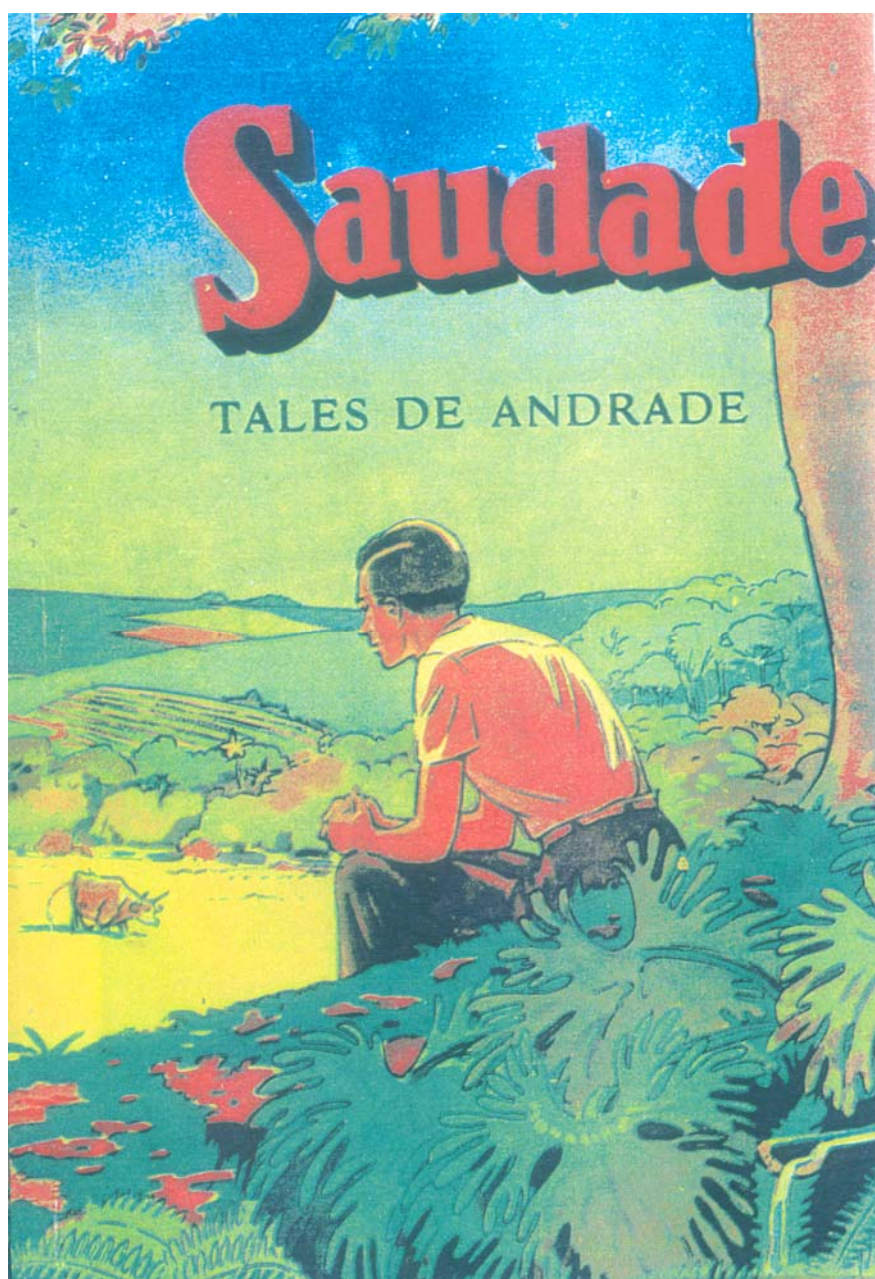


FIGURA Nº 1 – Capa do livro “Saudade”, por J. G. Villin.

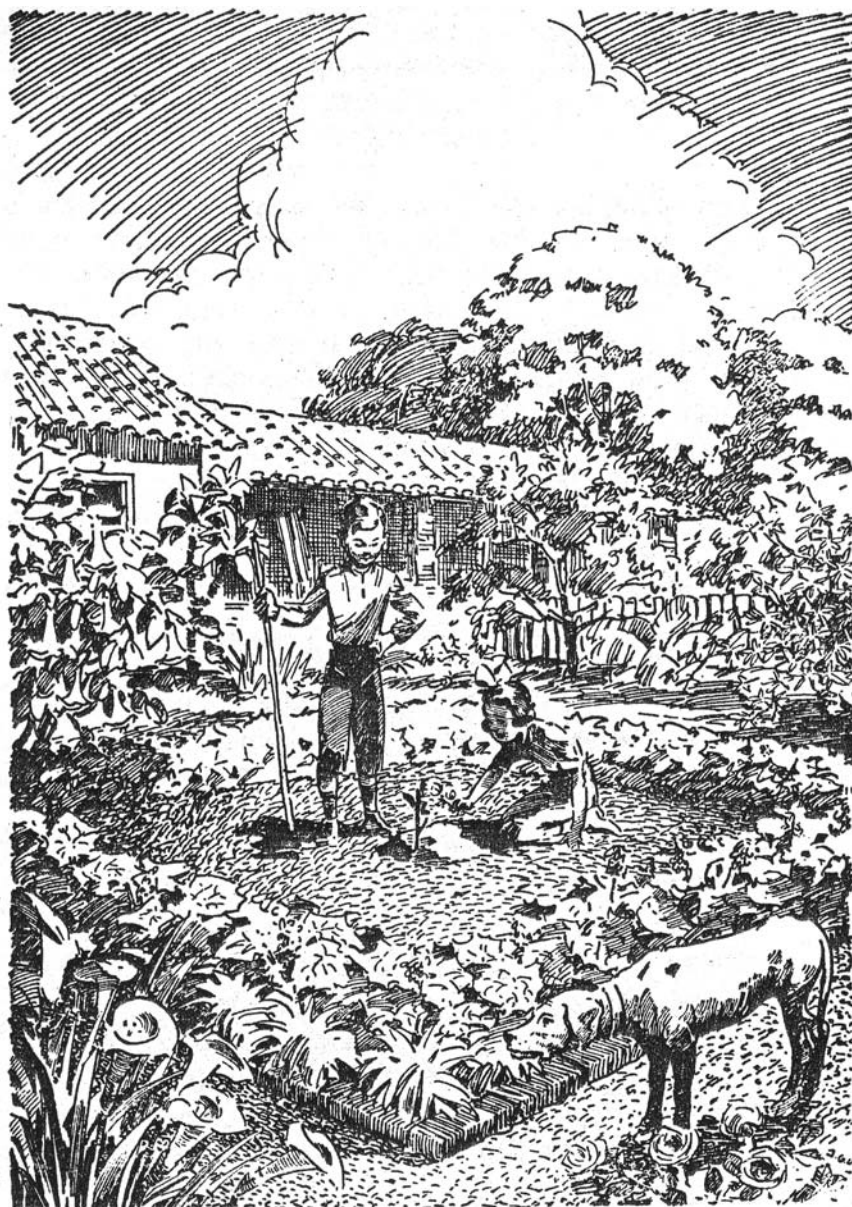


FIGURA Nº 2 – Ilustração contida no livro “Saudade”. por J. G. Villin



**FIGURA Nº 3** – Capa do livro “Campo Cidade”. por J. G. Villin e F. S. Morais.